



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Marília

Lígia Mayra Amaral Lima Sierra

**Uma análise das representações das rotinas escolares e do catolicismo em O
Ateneu, de Raul Pompeia**

Marília
2025

Lígia Mayra Amaral Lima Sierra

Uma análise das representações das rotinas escolares e do catolicismo em O
Ateneu, de Raul Pompeia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração: Educação

Orientador (a): Prof^a. Dra. Angélica Pall Oriani

Marília
2025

S572a	Sierra, Ligia Mayra Amaral Lima Uma análise das representações das rotinas escolares e do catolicismo em O Ateneu, de Raul Pompeia / Ligia Mayra Amaral Lima Sierra. -- Marília, 2025 92 p. : il., fotos Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientador: Angélica Pall Oriani 1. Educação História. 2. Literatura e História. 3. Século XIX. 4. Catolicismo. 5. Historiografia. I. Título.
-------	--

Ligia Mayra Amaral Lima Sierra

Uma análise das representações das rotinas escolares e do catolicismo em O
Ateneu, de Raul Pompeia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação
Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Angélica Pall Oriani
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Dr. Ana Clara Bortoleto Nery
UNESP – Câmpus de Marília

Prof. Dr. José Gonçalves Gondra
UERJ – Rio de Janeiro

Marília, 11 de março de 2025.

Ao meu marido Thiago e ao meu precioso Jesus, que são os amados da
minh'alma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio concedido que foi essencial para a realização desta pesquisa.

À Educação pública brasileira que abre caminhos para que todos possam ter chances de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e acadêmico.

À Faculdade de Filosofia e Ciências, pertencente a Universidade Estadual Paulista (UNESP) do Câmpus de Marília, que sempre se demonstrou aberta em me auxiliar e me assistir na trajetória universitária.

À minha orientadora Angélica Pall Oriani que constantemente me amparou e me auxiliou em mais uma trajetória acadêmica. Tendo sido inicialmente minha professora na graduação, foi uma honra ter sido orientada por ela no Mestrado.

À professora Ana Clara Bortoleto Nery que me orientou em meu primeiro ano como aluna da pós-graduação. Aprendi coisas valiosíssimas com ela.

Aos professores e às disciplinas da pós-graduação que contribuíram para a minha formação acadêmica como Mestre.

Ao meu querido e amado Thiago que sempre me apoia em todos momentos da minha vida assim como também me apoiou em todas as etapas do mestrado. Seu apoio foi e é fundamental para a minha vida. Amo-o para sempre.

Aos meus pais, Angela e Jesiel, que sempre me incentivaram e ajudaram como puderam para que eu pudesse galgar lugares mais altos e melhores. Gratidão por todas as garrafas de café que meu pai fez para as viagens até Marília. Gratidão por todas as viagens que minha mãe se dispôs a me acompanhar como companhia até a FFC.

À minha irmã, Livia, e à minha amiga, Julia, que, sendo mais velhas que eu, sempre foram uma inspiração na carreira acadêmica. Obrigada por todo o apoio e incentivo.

A todos os meus outros familiares e amigos que sempre me deram uma palavra de ânimo e esperança me impulsionando nesta caminhada.

Aos meus amigos e colegas de trabalho da Escola Estadual Maria Aparecida Coimbra; a motivação para a carreira como docente teve início nesta escola, lugar onde estudei toda a educação básica e onde atualmente trabalho.

“[...] Tudo o que temos que decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado.”

J. R.R. Tolkien (2019, p. 96)

RESUMO

Esta pesquisa teve como o objetivo investigar, refletir e analisar as representações do catolicismo na obra *O Ateneu: crônica de saudades* de Raul Pompeia. Para tal, foram selecionadas passagens do enredo para observação e estudo com base na revisão bibliográfica sobre o Colégio Abílio e sobre Raul Pompeia. A pesquisa foi desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica e documental. Do ponto de vista do referencial teórico, alinhado à perspectiva da Nova História Cultural, foram utilizados autores como Chartier (2000), Foucault (2001), Julia (2001), Nora (1993), Meneses (1992) entre outros. A partir da análise das representações desta obra de Pompeia e da revisão bibliográfica sobre o Colégio Abílio, foi possível constatar a presença do catolicismo nas práticas cotidianas do colégio, sendo o catolicismo um elemento de destaque para o funcionamento do colégio. Além disso, foi possível constatar, mediante a análise, que Pompeia representou os aspectos do catolicismo dentro do colégio de forma impositiva e autoritária demonstrando possivelmente a sua relação com a religião dentro da instituição. Esta pesquisa se insere no campo da Nova História Cultural (Chartier 2002a) e possibilita novas discussões nesta área e no campo da História da Educação.

Palavras-chave: O Ateneu; Colégio Abílio; Catolicismo; século XIX; História da Educação

ABSTRACT

This research aimed to investigate, reflect on and analyze the representations of Catholicism in the work *O Ateneu: crônica de saudades* by Raul Pompeia. To this end, passages from the plot were selected for observation and study based on the bibliographic review on Colégio Abílio and Raul Pompeia. The research was developed based on bibliographic and documentary research. From the point of view of the theoretical framework, aligned with the perspective of the New Cultural History, authors such as Chartier (2000), Foucault (2001), Julia (2001), Nora (1993), Meneses (1992) among others were used. From the analysis of the representations of this work by Pompeia and the bibliographic review on Colégio Abílio, it was possible to verify the presence of Catholicism in the daily practices of the school, with Catholicism being a prominent element in the functioning of the school. Furthermore, it was possible to verify, through the analysis, that Pompeia represented the aspects of Catholicism within the school in an imposing and authoritarian way, possibly demonstrating its relationship with religion within the institution. This research is part of the field of New Cultural History (Chartier 2002a) and enables new discussions in this area and in the field of History of Education.

Keywords: O Ateneu; Colégio Abílio; Catholicism; 19th century; History of Education

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo investigar, reflexionar y analizar las representaciones del catolicismo en la obra *O Ateneu: crônica de saudades* de Raul Pompeia. Para ello, se seleccionaron pasajes de la trama para su observación y estudio con base en la revisión bibliográfica sobre el Colégio Abílio y Raul Pompeia. La investigación se desarrolló con base en la investigación bibliográfica y documental. Desde el punto de vista del marco teórico, alineado con la perspectiva de la Nueva Historia Cultural, se utilizaron autores como Chartier (2000), Foucault (2001), Julia (2001), Nora (1993), Meneses (1992) entre otros. A partir del análisis de las representaciones de esta obra de Pompeia y la revisión bibliográfica sobre el Colégio Abílio, fue posible verificar la presencia del catolicismo en las prácticas cotidianas de la escuela, siendo el catolicismo un elemento destacado en el funcionamiento de la escuela. Además, mediante el análisis, se pudo verificar que Pompeia representaba los aspectos del catolicismo dentro de la escuela de forma imponente y autoritaria, lo que posiblemente demuestra su relación con la religión dentro de la institución. Esta investigación se enmarca en el campo de la Nueva Historia Cultural (Chartier, 2002a) y propicia nuevas discusiones en este ámbito y en el de la Historia de la Educación.

Palabras clave: O Ateneu; Colégio Abílio; Catolicismo; siglo XIX; Historia de la educación

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Cartão postal do Colégio Abílio no Rio de Janeiro	31
Imagem 2 – O Ateneu segundo desenho de Raul Pompeia	51
	52
Imagem 3 – Ilustração feita por Pompeia representando Sérgio e seu pai em frente ao colégio no primeiro dia de aula	
Imagem 4 – Ilustração feita por Pompeia representando o diretor do colégio, Aristarco	52
Imagem 5 – Ilustração feita por Pompeia representando o cotidiano do colégio	53
Imagem 6 – Ilustração feita por Pompeia representando o final do enredo com o incêndio no colégio	53
Imagem 7 – Ilustração feita por Pompeia representando a humilhação que alguns alunos sofriam no colégio	54
Imagem 8 – Ilustração feita por Pompeia representando o momento dos exames realizados pelos alunos durante sua passagem pelo colégio	54
Imagem 9 – Ilustração feita por Pompeia representando um momento de banho na piscina	55
Imagem 10 – Primeira publicação d'O Ateneu, de Raul Pompeia no Jornal Gazeta de Notícias em 8 de abril de 1888 (capítulo I) com destaque em vermelho.	58
Imagem 11 – Publicação do último capítulo d' O Ateneu, de Raul Pompeia no Jornal Gazeta de Notícias em 19 de maio 1888 com destaque em vermelho.	58
Imagem 12: Capa da primeira publicação em livro da obra O Ateneu pela tipografia da Gazeta de Notícias, em 1888	59
Imagem 13 – Edição da obra O Ateneu para vestibulares – edição de 2017 pela Ciranda Cultural	63
Imagem 14 – Edição da obra O Ateneu em HQ – edição de 2020 pela editora Melhoramentos	64
Imagem 15 – Edição da obra O Ateneu em HQ – edição de 2020 pela editora Melhoramentos (página 16)	64
Imagem 16 – Edição da obra O Ateneu disponibilizada no Kindle unlimited	65
Imagem 17 – Edição de 1973 pela Editora Três	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Publicações do livro O Ateneu de Raul Pompeia em diversas editoras	59
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA E A QUESTÃO DA MEMÓRIA 20	
2.1	Apontamentos sobre a utilização da literatura como fonte histórica	22
2.2	Discussões sobre a história e memória para a análise d' <i>O Ateneu</i>	26
3	O COLÉGIO ABÍLIO: APRESENTAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS.....	31
4	ANÁLISE D'O ATENEU: CRÔNICA DE SAUDADES.....	45
4.1	A vida Raul Pompeia	55
4.2	As edições d'O Ateneu: explorando a materialidade da obra.....	57
4.3	Apresentação dos aspectos do catolicismo representados na obra	68
4.3.1	A capela	68
4.3.2	Práticas religiosas na rotina escolar	72
4.3.3	Religião católica como conteúdo curricular	74
4.3.4	Outras experiências e vivências religiosas dentro do colégio.....	76
4.4	Discussões sobre as representações do catolicismo n'O Ateneu.....	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

*O Ateneu: crônica de saudades*¹ é um romance escrito por Raul d'Ávila Pompeia² e publicado no ano de 1888. A obra é compreendida como um romance autobiográfico (Zilberman, 2012a) em que Pompeia se inspirou em suas memórias escolares. O romance faz parte da literatura brasileira e aborda o tema escolar.

O Ateneu foi selecionado como fonte e objeto de pesquisa, pois, durante a leitura da obra uma questão em específico se destacou para mim. A construção do enredo gira em torno de um relato de Sérgio, o protagonista narrador, que, sendo adulto, descreve algumas experiências escolares do período de seu ensino secundário. Durante o seu relato, ele relembra várias cenas da rotina, hábitos e costumes escolares. Dentre as cenas relatadas pelo protagonista narrador, foi notório perceber como o catolicismo influenciou de maneira intensa a rotina escolar, manifestando-se em práticas escolares cotidianas. Essa questão saltou aos meus olhos talvez, devido às minhas experiências com o cristianismo, ainda que não o da vertente católica. Esses traços da religião na educação escolar trouxeram-me algumas inquietações.

Portanto, o objetivo geral proposto para a pesquisa, cujos resultados finais apresento nesta dissertação, foi objetivo investigar, refletir e analisar representações do catolicismo na obra *O Ateneu: crônica de saudades* de Raul Pompeia. Como objetivos específicos, foram delineados os seguintes: refletir a utilização da Literatura como fonte história para a pesquisa em História da Educação; discutir o papel da memória e suas possibilidades de uso para a pesquisa histórica; apresentar historicamente o Colégio Abílio mediante bibliografia específica; e investigar a presença do catolicismo no Colégio Abílio por meio de passagens da obra *O Ateneu*.

A problemática proposta apresentada busca explorar como esta literatura escrita no século XIX se apresenta como uma fonte histórica para a pesquisa no campo da História da Educação. A investigação desta dissertação se faz relevante para ampliar as discussões sobre o diálogo entre História e Literatura apresentando possíveis caminhos para a análise histórica. Além disso, há a possibilidade de utilização da presente investigação como conteúdo a ser trabalhado em sala de aula para o aprofundamento do estudo sobre a educação brasileira do século XIX, o que possibilita também o ensino de forma interdisciplinar.

¹ O título e subtítulo do romance é *O Ateneu: crônica de saudades*, todavia, no decorrer do texto farei referência do romance também como *O Ateneu*.

² O nome completo do escritor é Raul D'Ávila Pompéia, entretanto, no decorrer do texto farei referências ao autor como Raul Pompeia ou somente Pompeia.

A pesquisa é de caráter qualitativo, pois aprofunda a análise de questões sociais e culturais e busca maior compreensão sobre o contexto pesquisado. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 132), a pesquisa qualitativa “busca explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos [...]”. Portanto, é uma pesquisa de caráter qualitativo ao levantar novas reflexões e diálogos sobre o período em destaque.

Para a condução da investigação, adotei procedimentos metodológicos para recuperar a bibliografia concernente à temática e fontes documentais que pudessem auxiliar no processo de discussão dela. Sobre a pesquisa bibliográfica, é importante destacar que, para Lakatos e Marconi (2003, p. 183), ela “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros”, e tem como propósito prover ao pesquisador a familiaridade o conhecimento publicado sobre o tema escolhido. Não permite apenas a repetição de conhecimento, mas também novas perspectivas, indagações e problematizações sobre o tema proposto (Lakatos; Marconi, 2003).

Para o desenvolvimento da pesquisa lancei mão de algumas referências teórico-metodológicas amparadas na Nova História Cultural, particularmente a partir dos conceitos de “práticas” e “representações” de Roger Chartier. Também foi utilizada a concepção de “documento-monumento”, de Jacques Le Goff.

Ao pensar na concepção de Nova História Cultural por Roger Chartier, pode-se elencar algumas reflexões do próprio autor:

[...] a história em seus últimos desenvolvimentos mostrou, de vez, que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente sociológicos e que a distribuição e seus usos numa determinada sociedade não se organizam necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Donde as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras ou as práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos materiais ou de códigos partilhados. (Chartier, 2002b, p. 66-67).

O autor indica que é possível, com a perspectiva da Nova História Cultural, a abertura a novos olhares para as obras ou as práticas ao relacioná-las com o mundo social. O autor reflete que há uma grande pluralidade de “materiais ou de códigos partilhados” pela sociedade os quais são propícios para a compreensão.

Em outras palavras, o autor reflete que:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de

apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (Chartier, 2002b, p. 16-17).

Através da compreensão das produções da sociedade o presente pode alcançar sentido e auxiliar na compreensão de como uma determinada realidade social é construída.

Além disso, utilizarei dos conceitos de “representação” e “apropriação” de Chartier (2002b) para a análise do texto de Raul Pompeia. Sobre as representações, o autor reflete que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (Chartier, 2002b, p. 27).

As representações, portanto, seriam uma forma de percepção e construção do mundo real. Assim, essa concepção será utilizada ao analisar o romance literário como uma forma de construção e percepção do mundo social escrito pelo autor.

A respeito da “apropriação”, Chartier (2002b) reflete que:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (p. 24).

Além disso, também afirma que:

A noção de apropriação pode ser, desde logo, reformulada e colocada no centro de uma abordagem de história cultural que se prende com práticas diferenciadas, com utilizações contrastadas. Tal reformulação, que põe em relevo a pluralidade dos modos de emprego e a diversidade das leituras [...] (Chartier, 2002b, p. 26).

O autor destaca que, nas apropriações, há uma possibilidade de “diversidade das leituras” sobre um objeto, ampliando assim, as compreensões e interpretações sobre um objeto estudado.

Ademais, ao olhar para o texto de Raul Pompeia, o considero como a fonte documental dessa pesquisa utilizo o sentido de “documento/monumento” de Le Goff para entendê-la:

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados

desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (Le Goff, 1990, p. 547, 548).

O documento/monumento, para Le Goff (1990), é entendido como aquele tipo de documento que carrega e transporta a memória coletiva das sociedades do passado (monumento) para o presente, mas que também pode ser analisado como fonte histórica para a construção do conhecimento histórico (documento). Assim, nesta pesquisa mobilizo essa ideia ao analisar *O Ateneu*, de Raul Pompeia. O objeto de pesquisa foi analisado e compreendido como um documento que carrega certa memória de uma sociedade e que, como fonte histórica, foi analisado, compreendido e interpretado no campo da História da Educação.

A respeito do uso de obras literárias como fonte para a área de história da educação, Sousa (2005) reflete que:

Nas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no campo da História da Educação, a utilização de obras literárias como fonte de pesquisa já está consolidada, em razão das possibilidades que determinado tipo de produção literária oferece para a análise de práticas e representações do ensino, das escolas, da educação, bem como dos primeiros estágios do ciclo de vida: infância, meninice, juventude. [...] Se a literatura oferece referências acerca de imagens e representações, elas podem funcionar ou como contraponto ou para corroborar momentos vividos e que ainda permanecem como resíduo. Como foram as primeiras experiências escolares descritas por alguns dos grandes autores de nossa literatura? Se nos reportarmos às passagens que descrevem as experiências vividas na época da meninice e da adolescência, podemos encontrar uma gama variada de histórias carregadas de sentimentos conflitantes. Infância, de Graciliano Ramos, é um livro de memórias dos seus tempos de menino, publicado pela primeira vez em 1945, no Rio de Janeiro. O relato de suas experiências é carregado de imagens e sentimentos fortes, que vão da apreensão, passam pelo medo e transformam-se em verdadeiro terror. (p. 160-161).

A autora chama a atenção para as possibilidades que a Literatura oportuniza para as pesquisas em História da Educação:

Para a História da Educação, a literatura oferece temáticas variadas para o estudo do nosso sistema de ensino, das lutas engendradas para a conformação do campo educacional, das representações, práticas e espaços escolares, enfim, daquilo que está inscrito na chamada “cultura escolar”. Uma das perspectivas que podem ser aqui lembradas é a elaboração de estudos mais compreensivos do regime de internato, tão comum em colégios masculinos e femininos desde os tempos do Império e que, na obra de Raul Pompéia, por exemplo, é o espaço no qual se desenrolam suas aventuras e desventuras escolares. (Sousa, 2005, p. 180).

Além disso, a autora também aponta que as obras “[...] permitem explorar representações da “maquinaria escolar”, práticas docentes, vivências cotidianas e inserções no universo profissional, a partir da perspectiva de seus personagens.” (Sousa, 2005, p.180). Assim, a obra literária em questão será investigada a partir dessa concepção de que a literatura pode representar a cultura escolar de seu tempo.

Para a localização da fonte histórica, vale fazer alguns destaques. A edição d' *O Ateneu*, de 1973 que foi analisada nesta investigação eu já possuía como parte de minha biblioteca particular. Esta edição de 1973 foi publicada pela Editora Três de São Paulo.

Para localizar publicações que tivessem *O Ateneu* como objeto de pesquisa e que investigassem aspectos que se aproximassem da presente pesquisa, foram realizadas algumas buscas em plataformas *onlines* como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr). Ao realizar as buscas e delimitar pela temática, alguns títulos foram encontrados, tais como:

- *Representações literárias da escola* de Mazzari (1997): reflete como Pompeia utilizou do recurso literário para representar seu contexto histórico, além de representar traços de comportamento e mentalidade social. O autor reflete que as representações literárias da escola vão além de um simples retrato do ambiente educacional, funcionando como críticas sociais e culturais que questionam as práticas escolares, a formação dos sujeitos e o papel da escola na sociedade;
- *O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX* de Carvalho e Carvalho (2008): examina o romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, como uma importante fonte para compreender o cenário educacional brasileiro no século XIX. *O Ateneu* é analisado não apenas como literatura, mas também como um reflexo crítico das instituições escolares e das práticas pedagógicas da época;
- *A Ficção e o Real: a importância da educação no século XIX* de Corrêa (2009): investigação sobre o processo educacional na formação da juventude no século XIX utilizando obras ficcionais, dentre elas, *O Ateneu*. A autora propõe analisar a vida dos autores com o intuito de compreender como eles utilizaram a sua própria memória para a escrita das obras ficcionais que apresentam aspecto biográfico;
- *Sérgios e Aristarcos: apropriações de "O Ateneu" no campo educacional* de Tundisi (2013): analisa as diversas apropriações da obra *O Ateneu* de Raul Pompeia como obras de cunho acadêmico como teses, dissertações e artigos. O autor destaca como é possível analisar essa obra literária abordando outras questões do campo educacional além de ser usada apenas como fonte histórica de um período específico;
- *Ficção e Memória educacional Brasileira em "O Ateneu"* de Pinho (2013): discussão de questões relacionadas a história da educação e ficção partindo da análise histórico-literária de *O Ateneu*. O autor utiliza o romance como fonte histórica;
- *Um momento da história da educação brasileira cravado na literatura: as marcas dos mecanismos disciplinares na escola do final do século XIX, inscritas em O Ateneu*, de

Raul Pompeia de Silva (2015): identificação de alguns aspectos históricos da educação brasileira no final do século XIX impressos na obra *O Ateneu*. Mediante a análise da obra, a autora selecionou passagens que apresentassem práticas educativas do contexto histórico; a obra foi analisada com o intuito de compreender o período de constituição da educação escolar brasileira.

- *A obra literária como fonte na pesquisa educacional*: Um estudo sobre a educação brasileira na segunda metade do século XIX de Andrade e Silva (2021): apontamentos da configuração e reconfiguração do sistema educacional brasileiro. Além disso, os autores refletem a possibilidade do uso da literatura como o romance *O Ateneu* – para a pesquisa e o estudo de natureza histórica.

Esses são alguns exemplos de publicações que analisam *O Ateneu* de Raul Pompeia articulando Literatura e a História e trazendo novas contribuições para o campo da História da Educação. Essas publicações foram importantes para alargar o conhecimento sobre *O Ateneu* e suas possibilidades de análise histórica. Ao fazer essa busca³, foi possível constatar que não há nenhuma pesquisa que investigue especificamente as representações do catolicismo na obra *O Ateneu*, portanto, a pesquisa atual se torna relevante e significativa para o campo da História da Educação.

Esta dissertação está dividida em três principais seções, as quais se intitulam: “A literatura como fonte histórica e a questão da memória” que discute a utilização da obra literária como fonte histórica para a pesquisa, além de apresentar a importância da memória para a pesquisa histórica; “O Colégio Abílio: apresentação dos aspectos culturais, sociais e educacionais”, que apresenta o colégio em que Raul Pompeia estudou para analisar posteriormente as suas experiências na instituição para a escrita das representações de Pompeia no romance e “Análise d’*O Ateneu*: crônica de saudades”, que apresenta a obra desde a sua criação até as edições atuais e que analisa as representações do catolicismo na obra. Nesta última seção serão apresentadas passagens do romance em que as representações do catolicismo são evidentes para pensar em possíveis caminhos de análise.

As representações do catolicismo n’*O Ateneu* foram divididas por temas em comum conforme aparecem na obra. Os temas foram divididos em: A capela; Práticas religiosas na

³ Sandanello (2015) em sua obra *O escorpião e o jaguar: o memorialismo prospectivo d’O Ateneu*, de Raul Pompeia, apresenta no Anexo I uma bibliografia comentada sobre as pesquisas que possuem *O Ateneu* como objeto de pesquisa. Além da busca realizada nas plataformas supracitadas, foi possível ter contato com mais trabalhos envolvendo *O Ateneu* a partir do Anexo I desta obra de Sandanello.

rotina escolar; Religião católica como conteúdo curricular e Outras experiências e vivências religiosas dentro do colégio. Mediante a análise do enredo e das passagens selecionadas foi possível constatar, que Pompeia representou os aspectos do catolicismo dentro do colégio de forma impositiva e autoritária demonstrando possivelmente a sua relação com a religião dentro da instituição.

2 A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA E A QUESTÃO DA MEMÓRIA

A Literatura é uma fonte favorável para a História ao trazer possibilidades de compreensão e análise que são próprias e singulares desta fonte. Pesavento (2008) tece algumas considerações sobre a utilização da literatura como fonte histórica para a escrita da História, ela reflete que:

[...] a literatura é testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como o horizonte de expectativas de uma época [...] A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (Pesavento, 2008, p. 82-83).

Segundo a autora, a literatura permite o acesso ao clima e ao imaginário de uma época ao representar o real. A autora destaca que a literatura fornece indícios para o historiador compreender uma determinada sociedade e tempo. Ainda sobre a utilização da literatura como fonte, Pesavento (2008) apresenta que:

A utilização do texto literário pela História permite levar mais longe o deslocamento da veracidade à verossimilhança, pondo em discussão os efeitos de real e de verdade que uma narrativa histórica pode produzir, tomando o lugar do que teria acontecido um dia. Ao trabalhar com a Literatura como fonte, o historiador se depara, forçosamente, com a necessidade de pensar o estatuto do texto e realizar cruzamentos entre os dois discursos, em suas aproximações e distanciamentos. (p. 84).

Ao pensar na análise d'*O Ateneu*: crônica de saudade (1888), foi necessário pôr em discussão os aspectos do discurso apresentado no enredo ao compreender as aproximações e distanciamentos da realidade representados em sua obra.

Pensando no campo da história da educação, a Literatura também pode ser uma fonte fecunda para a compreensão e escrita da história. A respeito do uso de obras literárias como fonte para a área de história da educação, Sousa (2005) reflete que:

Nas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no campo da História da Educação, a utilização de obras literárias como fonte de pesquisa já está consolidada, em razão das possibilidades que determinado tipo de produção literária oferece para a análise de práticas e representações do ensino, das escolas, da educação, bem como dos primeiros estágios do ciclo de vida: infância, meninice, juventude. [...] Se a literatura oferece referências acerca de imagens e representações, elas podem funcionar ou como contraponto ou para corroborar momentos vividos e que ainda permanecem como resíduo. Como foram as primeiras experiências escolares descritas por alguns dos grandes autores de nossa literatura? Se nos reportarmos às passagens que descrevem as experiências vividas na época da meninice e da adolescência, podemos encontrar uma gama variada de histórias carregadas de sentimentos conflitantes.

Infância, de Graciliano Ramos, é um livro de memórias dos seus tempos de menino, publicado pela primeira vez em 1945, no Rio de Janeiro. O relato de suas experiências é carregado de imagens e sentimentos fortes, que vão da apreensão, passam pelo medo e transformam-se em verdadeiro terror. (p. 160-161).

A autora chama a atenção para as possibilidades que a Literatura oportuniza para as pesquisas em História da Educação ao pensar nas experiências dos próprios autores que foram representadas na obra. A autora cita a obra *Infância* (1945), de Graciliano Ramos, ao trazer que o autor compartilhou um relato de sua vida nesta obra. Ao pensar no objeto de estudo desta pesquisa, é possível compreender que Pompeia também escreveu um relato de sua vida representando vários aspectos de sua vida. Ao pensar na utilização da literatura como fonte para a História da Educação, este gênero contribui significativamente ao possibilitar análises de questões escolares e questões da infância.

A autora ainda segue abordando a utilização desse gênero para o campo da História a Educação, e evidencia que para essa área:

[...] a literatura oferece temáticas variadas para o estudo do nosso sistema de ensino, das lutas engendradas para a conformação do campo educacional, das representações, práticas e espaços escolares, enfim, daquilo que está inscrito na chamada “cultura escolar”. Uma das perspectivas que podem ser aqui lembradas é a elaboração de estudos mais compreensivos do regime de internato, tão comum em colégios masculinos e femininos desde os tempos do Império e que, na obra de Raul Pompéia, por exemplo, é o espaço no qual se desenrolam suas aventuras e desventuras escolares. (Sousa, 2005, p. 180).

Neste trecho a autora cita a obra de Pompeia ao pensar sobre as possibilidades de análise da cultura escolar que abarca os sistemas de ensino, práticas e espaços escolares, representações entre outros. Além disso, a autora também aponta que as obras “[...] permitem explorar representações da ‘maquinaria escolar’, práticas docentes, vivências cotidianas e inserções no universo profissional, a partir da perspectiva de seus personagens.” (Sousa, 2005, p.180). Assim, a obra literária em questão será investigada a partir dessa concepção de que a literatura pode representar a cultura escolar de seu tempo.

Aqui há algumas reflexões iniciais sobre a utilização da literatura como fonte histórica para a compreensão da História. Entretanto, aprofundaremos ao trazer para a reflexão ideias relacionadas à utilização da literatura como fonte histórica, a relação entre memória, história e ficção para analisarmos o texto autobiográfico de Raul Pompeia. Analisaremos Pompeia como escritor de uma literatura autobiográfica que apresenta as memórias escolares de sua infância representadas na obra *O Ateneu: crônica de saudades*. Para o aprofundamento teórico, as discussões de Chartier (2000), Nora (1993), Foucault (2001) e Meneses (1992) foram utilizadas para a condução desta investigação.

2.1 Apontamentos sobre a utilização da literatura como fonte histórica

Desde a Escola dos Annales (1929) a História é entendida a partir de uma nova concepção. Como reflete Bloch:

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (Bloch, 2002, p. 20).

Para além de uma ciência enrijecida e erudita, a qual capturava apenas os grandes nomes ou que analisava apenas os documentos oficiais do Estado, Bloch (2002) propôs um novo entendimento sobre a história, ao sugerir que o historiador procurasse os vestígios humanos assim como o ogro da lenda fareja a carne humana. Assim, com essa nova concepção de história, o entendimento do que são os documentos históricos também foi ampliado tornando cada vestígio humano uma fonte a ser trabalhada:

O olhar específico do historiador comporta muitas possibilidades diferentes de interpretá-las, e certamente interdita um número equivalente de outras. Entrementes, ao olhar “pela janela” das fontes, o historiador se coloca diante de uma paisagem de época – a qual pode ser constituída por textos, objetos, fotografias, ou uma grande variedade de outros tipos de vestígios que chegaram até ele. É por isso que podemos dizer que, através das fontes, o historiador está olhando para o Passado, uma vez que quem escreveu o texto sobre o qual ele agora se debruça para compreender uma outra época foi de fato um indivíduo daquela mesma época. Se aquilo que ele contempla é um objeto de cultura material, os materiais que o constituem foram amalgamados também no passado; a forma mesma que lhe foi atribuída assim se realizou efetivamente pelas mãos de um artesão da época considerada; ou, ainda, em se tratando de um objeto industrializado, foram máquinas de anos atrás que produziram tal objeto em meio a uma série de outros muito similares, da mesma forma que tal objeto foi posto à venda nesta mesma época para atender a demandas de consumo que então existiam. Este objeto – como o texto – pode ter atravessado o tempo e se colocado à disposição do olhar investigativo do historiador; mas ele vem do passado, embora tenha continuado a existir no presente. (Barros, 2020, p. 3-4).

Barros (2020) reflete que, ao olhar para as fontes históricas e analisá-las, o historiador consegue observar o passado, mas não para apenas escrever de maneira narrativa sobre ele. Ao observar os documentos históricos que são refletidos como “visores de tempo” (Barros, 2020, p. 2) pelo autor, há a possibilidade de investigar o tempo passado. Portanto, a história não apresenta mais um caráter narrativo, e sim interpretativo, possibilitando ao historiador o olhar para os diversos vestígios humanos e interpretá-los para a compreensão de determinado momento histórico.

Com essa nova concepção sobre as fontes históricas, a literatura, portanto, passa à categoria de fonte/documento histórico e é analisada a partir de uma leitura crítica para a compreensão e escrita da História.

Entre a História e a Literatura há uma cumplicidade intelectual. A História tem a intenção de refletir sobre os processos de transformações sociais entre o presente e o passado. A Literatura, entre outros interesses, expressa diferentes visões de mundo, oferecendo uma perspectiva coletiva para uma análise das mudanças ocorridas nas sociedades humanas, ao longo do tempo. Quando a relação entre História e Literatura é verificada, uma perspectiva simbólica de processos sociais pode ser construída. (Outros tempos, 2011, p. 1).

O Dossiê “História e Literatura” da *Revista Outros Tempos*, publicado em 2011 apresenta artigos que discutem a questão entre História e da Literatura ao analisar variadas obras literárias, tais como a literatura fantástica, músicas, contos, poemas entre outros. O artigo "Textos e Contextos: O longo e complexo relacionamento entre História e Literatura" investiga essa relação e propõe que "o historiador tem na literatura a possibilidade de ampliar sua inserção no espaço político através de sua atuação na pesquisa e no ensino da História." (Rocha, 2011, p. 39). Ao longo do artigo, a autora levanta reflexões importantes sobre a relação entre história e literatura. Pensando na análise dos textos literários, destaca que:

[...] torna-se necessário ao historiador não apenas focar o conteúdo narrativo, mas as circunstâncias de sua publicação, a biografia do autor, o contexto em que a obra foi escrita, o objetivo do autor ao escrever seu trabalho, o mercado leitor ao qual se destina, a sua repercussão junto ao público e aos críticos (aqui se inserindo também os governos, no caso de censura), entre outras coisas. (Rocha, 2011, p. 42).

Para a análise de um texto literário é preciso que haja a consideração de vários elementos que circundam o texto escrito. Para além de compreender apenas o enredo, é essencial que o olhar contemple os outros aspectos relacionados. Também ressalta a importância de utilizar variadas fontes para a compreensão da História. Para a análise do historiador, é preciso pensá-lo como um estudioso da literatura, ou seja, um leitor, que tem a sua leitura literária “[...] permeada pela sua leitura da história. A apreciação e o uso que o historiador faz da literatura estão diretamente associados ao conhecimento historiográfico que dá suporte às suas análises.” (Rocha, 2011, p. 44).

O uso da literatura pelo historiador está diretamente ligado ao conhecimento historiográfico que o mesmo tem e que, portanto, dá suporte a análise da literatura.

Além da pesquisa acadêmica, outra aplicação em que é possível o aproveitamento da relação entre História e Literatura é a utilização em sala de aula como conteúdo trabalhado:

A relação entre história e literatura pode se tornar ainda mais abrangente quando o historiador lança mão da obra literária como ferramenta de ensino em sala de aula. Isso pode e tem sido feito com sucesso, ao permitir que o aluno jovem possa criar uma versão ilustrada da história. Porém, mais uma vez, faz-se necessária a constante vigilância para que o objetivo histórico não se perca no enredo literário. (Rocha, 2011, p. 51).

Entretanto, é preciso destacar os cuidados em trabalhar de uma maneira em que haja a uma leitura e análise crítica das fontes literárias para que não ocorra anacronismos ou compreensões equivocadas da História.

A autora chama a atenção que essa relação entre esses dois campos pode ser benéfica e proveitosa tanto para a pesquisa acadêmica quanto para o ensino escolar:

A união da literatura com a história, como texto e contexto, não é nova, mas pode ser reinventada a cada interpretação, abordagem e aplicação. Na pesquisa e na sala de aula, dois campos da produção/disseminação do saber que não são tão distantes quanto os poderes hegemônicos parecem desejar, a união dessas disciplinas é sempre benéfico, porém, como todo método, o bom planejamento e uma clareza metodológica são vitais para seu sucesso. (Rocha, 2011, p. 55).

O foco desta investigação foi pensado a partir da pesquisa acadêmica e historiográfica, entretanto, pensar a relação entre esses dois campos pode escoar para outros espaços como o ensino escolar. Embora o foco da pesquisa não tenha sido a aplicação em sala de aula, é interessante pensar nos usos da relação entre História e Literatura em um ambiente escolar.

Ao utilizar a literatura como fonte, é possível analisá-la a partir da questão das representações. Chartier (2002b) utiliza do conceito de representação para a análise literária. Sobre as representações, o autor reflete que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (Chartier, 2002b, p. 27).

As representações, portanto, seriam uma forma de percepção e construção do mundo real. Essa concepção será utilizada ao analisar o romance literário como uma forma de construção e percepção do mundo social escrito pelo autor.

Também é possível relacionar a análise literária a partir “apropriação” de Chartier (2002b) em que ele reflete que:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (p. 24).

Além disso, também afirma que:

A noção de apropriação pode ser, desde logo, reformulada e colocada no centro de uma abordagem de história cultural que se prende com práticas diferenciadas, com utilizações contrastadas. Tal reformulação, que põe em relevo a pluralidade dos modos de emprego e a diversidade das leituras [...] (Chartier, 2002b, p. 26).

O autor destaca que, nas apropriações, há uma possibilidade de “diversidade das leituras” sobre um objeto, ampliando assim, as compreensões e interpretações sobre um objeto estudado.

Nesta pesquisa, a obra literária *O Ateneu*: crônica de saudade foi apropriada para uma leitura e análise histórica para a compreensão de um determinado espaço/tempo. Além disso, a obra foi apropriada para compreender as representações presentes no romance literário relacionada com a própria experiência de vida de Raul Pompeia.

Sobre a relação entre História e Literatura, Chartier (2000) reflete que a nossa relação com as obras e gêneros não deve ser considerada universal ou constante, ou seja, é possível que haja várias leituras e compreensões, ainda que sejam de uma única obra só. Ele destaca que:

Devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito. Trata-se, portanto, de identificar historicamente e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão. (Chartier, 2000, p. 197).

O autor reflete que é preciso considerar o sentido dos textos como os resultados de vários elementos entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social. É preciso considerar historicamente a contextualização das obras, bem como compreender o contexto e mundo social do autor.

Para trazer à tona e exemplificar a utilização da literatura como fonte histórica, há alguns títulos significativos que servem como exemplos para a compreensão das possibilidades do uso da Literatura na História.

A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo (1988) de Muricy é uma obra que explora a análise da literatura machadiana refletindo como a filosofia e o pensamento ético estavam presentes na obra de Machado de Assis. Muricy reflete como o autor utilizou uma perspectiva crítica e até mesmo irônica para criticar a lógica e os valores da sociedade brasileira de sua época. Muricy (1988) destaca como Machado de Assis utilizou o ceticismo a "razão cética" para examinar questões de sua época, tais como o poder, a elite, a ascensão social, a moralidade, as relações sociais, raciais e de classe questionando conceitos como verdade, virtude e justiça.

A autora utiliza alguns livros como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* entre outros para reflexão sobre o século XIX articulando o conhecimento histórico com a

análise das obras literárias. A análise de Muricy (1988) permite compreender como a Literatura contribui para a análise histórica de um período específico como o século XIX.

A dissertação intitulada *Educação e Masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães* (1852-1883), de Zica, defendida em 2008, também trabalha a História e Literatura. A partir da análise da produção literária e jornalística de Bernardo Guimarães, há uma compreensão maior sobre a Educação no século XIX. O autor apresenta que Guimarães em suas obras teria utilizado personagens que representam desafios que a nação enfrentava no momento. As obras *O Ermitão de Muquem* (1869), *O Seminarista* (1872), *O Garimpeiro* (1872), *A Escrava Isaura* (1875) são analisadas a partir do viés representações da masculinidade do século XIX.

Escravidão e direito civil no romance "Rosaura, a enjeitada" de Bernardo Guimarães, de Santos (2018) também articula a relação entre História e Literatura a partir da obra de Bernardo Guimarães. Nesta dissertação, a autora explora como Guimarães interpretou os modos de vida da sociedade que compunha o Brasil do século dezenove. A partir da análise da obra "Rosaura, a enjeitada", a autora analisa como Guimarães trabalha a questão da escravidão e do direito civil tendo em vista a sua formação e o contexto social do século XIX.

2.2 Discussões sobre a história e memória para a análise d'O Ateneu

Ao pensar na relação entre história e memória Nora (1993) faz uma distinção entre os dois elementos, ele aponta que:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulação, suceptível [sic] de longas latência e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memórias emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. No coração da história trabalha um criticismo destrutor da memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir. (Nora, 1993, p. 9).

Neste trecho o autor pontua as distinções em relação a história e a memória ao apontar que a memória seria uma coisa viva, dinâmica, ligada a grupos sociais e culturas, além de ser constantemente criada, podendo ser manipulada, deformada e vulnerável a todos os usos. Em relação a história, o autor a caracteriza como analítica, crítica, como uma operação intelectual e laicizante com a necessidade de problematização entre outras coisas. O autor também destaca a missão da história que seria destruir ou repelir a memória, no sentido de analisá-la criticamente e de forma objetiva.

Nora (1993) conceitua o que ele chama de “lugares de memória” (Nora, 1993, p. 13), o autor reflete que esse lugares seriam os espaços onde a memória se instala e onde há a preservação da memória, podendo ser objetos físicos, simbólicos ou culturais, podendo incluir documentos, monumentos, museus, rituais entre outros. O autor reflete que esses lugares surgem do sentimento e da percepção de que a memória espontânea está desaparecendo e que seriam, assim, uma tentativa de preservação da memória. “[...] E se [...] a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória.” (Nora, 1993, p. 13), ele também comenta que somente a partir da análise crítica da história que os documentos que tornam lugares de memória.

Essa conceituação foi utilizada para a pesquisa ao compreender que *O Ateneu* é compreendido como um lugar de memória, pois, além de Pompeia ter se inspirado em suas memórias para a escrita do enredo, esta obra literária já foi objeto de estudos históricos anteriormente (como visto nas leituras apresentadas na introdução) como também foi objeto de estudo para a presente pesquisa.

Ao refletir um pouco mais sobre as memórias, Meneses (1992) traz reflexões importantes ao destacar que a memória não deve ser confundida com os produtos resultantes dela como um álbum de recordações que já está acabado ou como um "almoxarifado do passado" (1992, p. 11), mas que a memória deve ser compreendida "como um processo de construção e reconstrução" (Meneses, 1992, p. 10).

O autor também destaca a importância da História como uma ciência que pode analisar a memória com o distanciamento necessário para a compreensão tendo em vista que a memória por si só não consegue dar conta do passado:

[...] a memória não dá conta do passado, nas suas múltiplas dimensões e desdobramentos. E não só, é claro, porque sabemos muito mais do que as memórias vivenciadas no passado poderiam saber, mas sobretudo porque o conhecimento exige estranhamento e distanciamento. Somente a História e a consciência histórica podem introduzir a necessária descontinuidade entre passado e presente: História, com efeito, é a ciência da diferença. (Meneses, 1992, p. 12).

Ao destacar a importância da História como uma ciência capaz de analisar a memória, o autor também reflete sobre o papel do historiador ao evidenciar que "a História não deve ser o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da História." (Meneses, 1992, p. 23). Nesta pesquisa, a ideia foi analisar o texto literário de Pompeia como um objeto da História, portanto, trazendo uma análise crítica para compreender as representações existentes na obra escolhida.

Frequentemente, por tratar de questões do passado, a memória é confundida com a História, todavia, o autor faz a distinção existente entre a memória e a história, ao pontuar a História como uma forma intelectual de conhecimento e a memória, por sua vez, como uma construção social:

A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para o intercâmbio social. (Meneses, 1992, p. 22).

Ao pensar na análise proposta da obra literária, a investigação não se pauta apenas no sistema como os conteúdos e questões referentes à obra em si como enredo entre outros, mas também em analisar os agentes e suas práticas – neste caso, Pompeia. A ideia é situar o autor como um sujeito histórico que representou suas memórias por meio de um romance ficcional da Literatura. Sobre essa questão, o autor reflete que:

Para cobrir a problemática social da memória é necessário considerar não somente o sistema (os mecanismos, os suportes/vetores/referenciais), os conteúdos (as representações), mas também incluir os agentes e suas práticas. Sobre estes pontos vale a pena dizer rapidamente alguma coisa, para situá-los no conjunto. Os conteúdos constituem material suficientemente explorado, principalmente sob o prisma da crítica da ideologia. No entanto, muitas vezes, nos estudos históricos, têm-se isolado os conteúdos e as ideologias, desarticulando-os das estruturas e dos processos sociais. (Meneses, p.19, 1992).

Situar e articular a análise de uma memória e partir de seu autor/sujeito, é essencial para que a compreensão seja mais efetiva. Assim, nesta pesquisa foram articulados aspectos da vida de Pompeia com as suas memórias representadas no texto literário.

Ao pensarmos na questão da memória relacionada ao autor e sujeito, Foucault (2001) argumenta que o autor não é apenas uma figura empírica, mas uma função discursiva, com o papel de atribuir unidade e coerência às obras. A noção de autor surge historicamente, variando conforme as normas culturais e sociais. Foucault (2001) critica a ideia tradicional de autoria como expressão individual e explora como essa função molda a interpretação e o significado de textos literários e acadêmicos. Foucault (2001, p. 264) reflete sobre o "apagamento do autor"

ou a "morte do autor" (Foucault, 2001, p. 269) na contemporaneidade e sobre como muito valoriza-se a escrita por si com seus signos e conteúdos enquanto que o autor é desconsiderado e ignorado.

Foucault (2001) afirma que "na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer" (Foucault, 2001, p. 268), deixando pontuado que a presença do autor é importante em um texto, e não apenas o conteúdo em si. Ele argumenta que o autor não é apenas uma figura empírica, mas uma função discursiva, com o papel de atribuir unidade e coerência às obras. Assim, ele reflete que:

[...] o autor é o que permite explicar tão bem a presença de certos acontecimentos em uma obra como suas transformações, suas deformações, suas diversas modificações (e isso pela biografia do autor, a localização de sua perspectiva individual, a análise de sua situação social ou de sua posição de classe, a revelação do seu projeto fundamental). O autor é, igualmente, o princípio de uma certa unidade de escrita - todas as diferenças devendo ser reduzidas ao menos pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência. O autor é ainda o que permite superar as contradições que podem se desencadear em uma série de textos: ali deve haver - em um certo nível do seu pensamento ou do seu desejo, de sua consciência ou do seu inconsciente - um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis se encadeando finalmente uns nos outros ou se organizando em torno de uma contradição fundamental ou originária. O autor, enfim, é um certo foco de expressão que, sob formas mais ou menos acabadas, manifesta-se da mesma maneira, e com o mesmo valor, em obras, rascunhos, cartas, fragmentos etc. (Foucault, 2001, p. 278).

E também reflete que "[...] os textos sempre contêm em si mesmo um certo número de signos que remetem ao autor. Esses signos são bastante conhecidos dos gramáticos: são os pronomes pessoais, os advérbios de tempo e de lugar, a conjugação dos verbos. [...]" (Foucault, 2001, p. 278).

Ao pensarmos na obra *O Ateneu*: crônica de saudades, podemos refletir a partir dessa visão de Foucault ao trazer a importância do autor para a compreensão de um discurso produzido por ele. O autor ainda fala sobre a questão do romance literário, categoria em que está inserido *O Ateneu*: crônica de saudades,

É sabido que, em um romance que se apresenta como o relato de um narrador, o pronome da primeira pessoa, o presente do indicativo, os signos da localização jamais remetem imediatamente ao escritor, nem ao momento em que ele escreve, nem ao próprio gesto de sua escrita; mas a um autor ego cuja distância em relação ao escritor pode ser maior ou menor e variar ao longo mesmo da obra. Seria igualmente falso buscar o autor tanto do lado do escritor real quanto do lado do locutor fictício: a função autor é efetuada na própria cisão - nessa divisão e nessa distância. Será possível dizer, talvez, que ali está somente uma propriedade singular do discurso romanesco ou poético: um jogo do qual só participam esses "quase-discursos". Na verdade, todos os discursos que possuem a função autor comportam essa pluralidade de ego. (Foucault, 2001, p. 278).

Sobre o romance literário, Foucault (2001) destaca que a função autor que é apresentada na cisão entre o lado do escritor real e do locutor fictício. Ao analisar *O Ateneu*, esse movimento

de percepção da distância do autor ego com o próprio escritor foi discutido ao pensar nas aproximações e distanciamentos que Pompeia teve ao representar suas experiências escolares no Colégio Abílio no Rio de Janeiro.

Nesta pesquisa, é proposto pensar nas representações de Pompeia, as quais ele, a partir de suas memórias, escreveu na obra literária. Essa relação da memória, da história e das representações de Pompeia n'*O Ateneu* (1888) são importantes para compreender a presença do catolicismo no Colégio Abílio no Rio de Janeiro. A partir do levantamento bibliográfico sobre o colégio e da apresentação de trechos da obra literária, será possível analisar a forma como Pompeia representou os aspectos do catolicismo no colégio em questão.

3 O COLÉGIO ABÍLIO: APRESENTAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCACIONAIS

O romance de Pompeia foi escrito a partir de algumas lembranças de seu passado escolar. É entendido, portanto, como um romance autobiográfico (Zilberman, 2012a), porque suas memórias e experiências como aluno de um colégio interno são utilizadas para a escrita da obra. No livro, o colégio apresentado tinha por nome O Ateneu representando o Colégio Abílio. No romance, a história é ambientada no contexto carioca do último quartel do século XIX; o Colégio Abílio também é situado na cidade do Rio de Janeiro.

Imagem 1 – Cartão postal do Colégio Abílio no Rio de Janeiro



Fonte: Alberto Lopes Leiloeiro, 2019.

Valdez (2006b) em sua pesquisa reflete sobre as representações do colégio e afirma que:

[...] não podemos deixar de estabelecer algumas relações com o que investigamos sobre Abílio e seu colégio. Assemelham-se as solenidades da entrega de prêmios, os reclames de Aristarco pelo não reconhecimento de seus sacrifícios, os discursos contra a imoralidade, a erudição do diretor, as aulas de ginástica, os aparelhos modernos do internato, as missas nos domingos, a biblioteca, as festas literárias etc. (Valdez, 2006b, p. 15).

A autora destaca as possíveis representações do Colégio Abílio que Pompeia fez em sua obra literária.

Saviani (2011) também apresenta *O Ateneu* como um romance autobiográfico ao refletir que “O escritor Raul Pompeia, que frequentou como interno o Colégio Abílio, compôs o romance “O Ateneu com base em sua experiência de aluno. A figura do Dr. Abílio é ridicularizada no personagem de Aristarco Argolo de Ramos [...]” (Saviani, 2011, p. 148).

O Colégio Abílio foi fundado por Abílio César Borges no bairro Laranjeiras no Rio de Janeiro em 1871; era uma área mais afastada do centro da cidade sendo um lugar mais propício a existirem chácaras. Abílio dirigiu a instituição até 1879. O colégio era interno e privado, voltado para o público masculino abarcando o ensino primário e secundário, sendo bem divulgado e conhecido: “[...] o Colégio da Corte foi amplamente divulgado em jornais, não só do Rio de Janeiro, como de outras Províncias [...]” (Valdez, 2006a, p. 94).

A inauguração do colégio foi um ponto importante de carreira de Abílio César Borges, como afirma Melo (2016), “O retorno à capital do Império, em 1870, e a inauguração do Colégio Abílio, em 1871, são pontos importantes de sua trajetória. No Rio de Janeiro, consagrou-se como um dos mais reconhecidos educadores do país [...]” (Melo, 2016, p. 1137).

Pompeia estudou neste colégio durante dois anos, como aluno interno no Colégio Abílio e:

[...] contrariando a prática do ensino amoroso e moderno, propagado pelo diretor e por outros, no ano de 1888, publicou *O Ateneu: crônica de saudades*, romance autobiográfico inspirado em sua experiência como aluno neste estabelecimento. O destaque desta obra é para o papel do temido ‘Mestre Aristarco’, proprietário e diretor do Ateneu, um personagem autoritário, egocêntrico e vaidoso, que fazia claramente alusão a Abílio. (Valdez, 2006b, p. 13).

A autora reflete sobre a representação do próprio diretor Abílio no enredo do romance.

O diretor e fundador do Colégio Abílio foi Abílio César Borges, conhecido também como “Barão de Macaúbas”, se tornou conhecido no contexto educacional brasileiro. Gondra e Sampaio (2010), destacam sua figura ao apontar que ele era:

Médico, gestor da instrução pública, dono de escola, homem de imprensa, autor de livros de destinação escolar, viajante, conselheiro da instrução, Dr. Abílio César Borges protagonizou algumas iniciativas na esfera pública e privada, como forma de demonstrar princípios educativos que abraçara no que se refere aos métodos de ensino, aprendizagem da leitura e escrita, aritmética e geometria, educação infantil e castigos corporais [...] (p. 75).

Abílio Borges começou sua carreira inicialmente na esfera pública e posteriormente para a iniciativa privada criando algumas instituições de ensino particulares, como o Ginásio Baiano, em Salvador-BA, e o Colégio Abílio no município da Corte, Rio de Janeiro. Foi na iniciativa privada que pôde colocar em prática algumas de suas concepções educacionais (Gondra; Sampaio, 2010), “[...] uma das práticas adotadas nos colégios que dirigiu e que diferia em muito

das experiências educacionais de meados do século XIX no Brasil era a que abolia completamente qualquer espécie de castigo físico nas escolas.” (Gondra, Sampaio, 2010, p. 78).

O educador colocava a educação em um patamar de notória importância:

A importância da instrução e da escola era enfatizada com veemência por Abílio que, antes mesmo de iniciar sua trajetória como diretor de estabelecimentos privados, já defendia o espaço escolar, não somente para fornecer um diploma, mas, sobretudo, para formar homens de bem ou o gentleman, protótipos de uma sociedade de ordem. Educar e instruir era o duplo objetivo do colégio, sendo que o primeiro se daria pelo contato com os colegas, com os mestres e com as regras bem estabelecidas, e o segundo com a aprendizagem das ciências. Aliados, definitivamente, resultariam em homens educados e instruídos, de acordo com os valores da sociedade que se desejava construir. Apesar de não defender de forma explícita a instrução pública, obrigatória e gratuita, como pudemos averiguar, Abílio não deixou de se pronunciar a favor da melhoria do ensino primário. Mesmo sendo um monarquista convicto, alertava que, independente do regime de governo, não haveria democracia sem investimento na instrução. Reconhecia que o ‘atraso’ na instrução popular (ensino primário) não se limitava somente ao Império brasileiro, pois outros países da Europa, além dos Estados Unidos, apesar do investimento incessante nesta modalidade de ensino, almejavam um ensino melhor. (Valdez, 2006a, p. 77).

É possível compreender que Abílio tratava a educação como um meio para formar bons cidadãos e não apenas estudantes. Em sua trajetória de vida, Abílio propôs muitas ideias para a educação pública como é visto na Lei Nova do Ensino Infantil escrita em 1884 e analisada por Gondra (1998).

A respeito de Abílio, Saviani reflete que:

Autodidata em matéria de educação, o Barão de Macahubas construiu sua concepção educativa e a difundiu em estreita relação com a sua própria experiência na área, primeiro ao exercer a função de diretor geral da Instrução Pública da Bahia e depois à frente dos colégios que fundou e dirigiu. (Saviani, 2011, p. 150).

Abílio também foi “[...] um dos primeiros a se preocupar com nacionalização da produção de livros escolares destinados à instrução primária e secundária no Brasil.” (Gondra; Sampaio, 2010, p. 75). Seu nome destacou-se na questão da produção de livros didáticos para o ensino escolar. Conforme indicam Azevedo, Neta e Stamatto, (2021, p. 1), “O Barão de Macahubas destaca-se no cenário educacional do período enquanto diretor de escolas, educador, autor de livros, preocupado em fazer circular suas ideias sobre a educação nacional”. Abílio alcançou notoriedade no campo educacional. Entretanto, como reflete Valdez (2006a) muitas de suas ideias eram destinadas apenas aos seus colégios:

Muitas de suas sugestões eram dirigidas para a infância em geral, no entanto, diante da realidade do ensino primário no Brasil, uma boa parte destas sugestões ficava restrita aos muros de seus colégios, direcionados aos filhos da elite, que se beneficiavam de um ensino diferenciado e de qualidade. (Valdez, 2006a, p. 77).

Algumas das concepções educacionais de Abílio eram inovadoras distinguindo-se das concepções educacionais da época, como a crítica aos castigos corporais. Segundo Valdez (2006b), seu modelo de instrução era baseado na máxima “Alma sã em corpo sã”, do preceito

em latim *Mens sana in corpore sano* pensando no desenvolvimento do ser humano. Seu entendimento sobre como deveria ser a educação era pontuada a partir de:

[...] uma maneira de educar que valorizava o aluno enquanto ser em formação. De acordo com as práticas educativas aplicadas no Ginásio Baiano ou no Colégio Abílio, não se devia infantilizar a infância, na medida em que o jovem escuta melhor quando é tratado como um igual, como um ser dotado de vontades, capaz de interagir, reagir e não apenas absorver. A autoridade em um ambiente desses se dá por meio do esclarecimento e do conhecimento, dos quais resultaria a admiração que o jovem passa a nutrir por seu mestre. (Gondra; Sampaio, 2010, p. 79).

Essa concepção diferenciava-se da concepção tradicional da época, que atribuía ao ensino a rigidez e a centralização da autoridade do professor.

Souza (2015) reflete que a:

[...] originalidade da abordagem de Borges residia em apresentar como fundamental a consideração do processo educativo como uma relação de ensino e aprendizagem a partir da consideração de aspectos particulares da criança (como a sua idade), até questões mais amplas e bastante caras, como a abolição da palmatória (a adoção de métodos aviltantes era criticada pelo diretor pois não incentivava a reflexão, mantendo o aluno "preso" a lógicas de memorização) e, num círculo mais amplo, da escravidão (não havia escravos atuando no Ginásio). (Souza, 2015, p. 126 grifo do autor).

Abílio propôs ideias novas relacionadas à educação que pudessem ser aplicadas em seus colégios, neste caso supracitado o exemplo destacado por Souza foi o Ginásio Baiano. Já o colégio Ateneu, representado na obra de Pompeia referencia-se no Colégio Abílio.

Com o auxílio da imprensa, Abílio divulgava suas ideias como também os seus colégios.

A relação que Abílio Borges constrói com a imprensa da época é intensa. Além de escrever e publicar artigos em diversos jornais e revistas, sua figura é presença constante nos diferentes impressos do país, seja fazendo menção as ações do intelectual no campo educacional, divulgando suas escolas e seus livros, ou ainda agradecendo as constantes doações de suas obras. Evidencia-se assim, os esforços de Abílio Borges em distribuir e fazer circular suas produções intelectuais, de tal modo que chegaram a gerar inclusive o incômodo apresentado no recorte do jornal. O intelectual, dessa forma, legitimava-se no campo educacional e na sociedade de sua época enquanto educador, escritor de livros relevantes e sujeito dedicado à filantropia e ao ensino no Brasil. (Azevedo; Neta; Stamatto, 2021, p. 8).

É possível pontuar, portanto, que Abílio se importou em utilizar do meio da imprensa para a divulgação de suas ideias, produções intelectuais além de fazer propagandas de seus colégios para atrair novos estudantes, “ [...] Abílio César Borges, o Barão de Macahubas, na segunda metade do século XIX, ganha notoriedade na instrução nacional pela sua atuação enquanto diretor de escolas, educador e autor de livros e cartilhas escolares.” (Azevedo; Neta; Stamatto, 2021, p. 2). Também sobre esta questão, Melo destaca que:

As notícias nos periódicos publicados permitem entrever algumas características que marcaram a trajetória do “ilustrado” doutor Abílio César Borges (1824-1891): no âmbito da política imperial, envolvendo suas relações com setores governamentais e autoridades públicas; no campo da educação, como portador de status intelectual, cujas iniciativas extrapolavam o ensino privado e eram consideradas modelo a ser

seguido; na esfera social, como fundador e diretor de uma escola reconhecida pelas famílias da “boa sociedade”. (Melo, 2016, p. 1137).

Abílio ganhou grande notoriedade na esfera social com as publicações nos periódicos.

Partindo dessas reflexões sobre Abílio e sua concepção educacional, será apresentado de forma mais detalhada sobre o próprio Colégio Abílio para ser possível analisar posteriormente as representações n’*O Ateneu*: crônica de saudades.

Ainda que o Colégio Abílio não tivesse fortes ligações com a religião católica, seu fundador não dispensava totalmente a questão da religião ao relacioná-la em seu discurso contra as agressões físicas e contra as repressões severas.

Como é sabido, o Império do Brasil possuía laços estreitos com a fé católica. Somente para não alongarmos muito a discussão, devemos ter em mente que faziam parte dos atributos do poder Moderador o beneplácito e o padroado. Portanto, a religião católica, além de ser a oficial do Império do Brasil, encontrava-se profundamente ligada ao centro de poder político, o que tornava praticamente impossível pensar em um ensino laico, ou mesmo em um ensino religioso que não estivesse em conformidade com a doutrina católica adotada pelo regime, com exceção de algumas escolas particulares voltadas a estrangeiros e filhos de estrangeiros. Além disso, parte da Igreja Católica descrevia o aviltamento como medida prejudicial ao aprendizado. Algumas das ordens religiosas pregavam, desde os séculos anteriores, que a agressão aos alunos os afastava de seus mestres, e a repressão física somente era aceita (e não necessariamente recomendada) em casos extremos, como nos casos que os alunos internos viessem a cometer delitos graves, penais, e não somente delitos escolares. Com essas informações em mente, podemos analisar o modo como o Barão de Macaúbas procurou tratar o ensino religioso ao abordar o aviltamento aos alunos praticados nas escolas. Ele parte do princípio de que a dignidade e a liberdade são inseparáveis e que a segunda só é possível se a primeira estiver presente na formação desse aluno e, aqui, lemos a liberdade tal como buscamos descrever anteriormente, ainda que de modo sumário. Somemos a isso a ideia de que o mestre deveria agir como um pai junto aos seus discípulos e que, nesta condição, deveria oferecer bons conselhos em hora oportuna para moldar-lhes o caráter e aliviar-lhes as intempéries da vida. Dessa forma, no quadro em que o Estado estava profundamente articulado à Igreja católica, ao mesmo tempo em que procura controlá-la, o Evangelho era visto, por Abílio Borges, como um “bálsamo salutar aplicado a todas as feridas da alma” e que o modo de educar baseado no amor encontrava-se perfeitamente justificável, pois se o ato de educar consistia inclusive em se moldar ao espírito, considerando que este espírito é uma emanção de Deus e que Deus é bondade, é amor. Nesse registro, seria contraditório querer desenvolver essas características do espírito humano a partir de métodos rigorosos, aviltantes. (Gondra; Sampaio, 2010, p. 79).

Ao pensar em seu método de ensino a partir dos princípios da dignidade e da liberdade sendo forma de moldar o espírito, o discurso religioso poderia ser relacionado ao propor uma educação que não fosse extremamente repressiva, violenta e que não praticasse aviltamentos contra os seus educandos. Sobre este aspecto, Valdez (2006a) destaca que:

Apesar de recorrer aos homens das ciências, também utilizou, de forma generalizada, durante toda sua trajetória, princípios religiosos, destacando a prática de parábolas bíblicas que ressaltavam Jesus Cristo, ‘o mestre dos mestres’, nas quais se encontravam ensinamentos de como educar e instruir a infância. (p. 81).

A ideia de Abílio era formar cidadãos de bem, com caráter bondoso, livres e habilidosos (Gondra; Sampaio, 2010). Entretanto, o Colégio Abílio não era um colégio religioso. Era um

dos colégios mais inovadores e modernos da época, assim como o Colégio Pedro II, também no Rio de Janeiro, que se apresentava como um modelo de inspiração para outras instituições (Souza, 2015). Assim como Abílio, que “integrava um meio intelectual, de uma elite intelectual, dos letrados [...]” (Azevedo; Neta; Stamatto, 2021, p. 11), e que trouxe para os seus colégios ideias inovadoras e modernas.

Valdez (2006a) reflete que Abílio era um grande estudioso dos filósofos da educação europeus e os da antiguidade grega, e, sendo conhecedor das ideias filosóficas e científicas, as utilizava de acordo com as suas próprias concepções:

Esta pluralidade de autores, que incluía elementos da pedagogia da Paidéia grega, modelos educativos romanos e também da educação cristã, além das idéias difundidas na Idade Moderna pela pedagogia dos humanistas, burgueses e iluministas, somada aos saberes pedagógicos da época Contemporânea, com os princípios da pedagogia romântica, científica, experimental e outras, sem dúvida, provinham de sua formação baseada na retórica. Abílio citava o autor que melhor se adaptasse a suas idéias, não sendo adepto de nenhum especificamente, pois recorrer aos autores clássicos e respeitados era para reforçar suas propostas. Desta forma, poderia não concordar com a pedagogia de educação infantil, nem com o protestantismo de Froebel e Pestalozzi, podendo, no entanto, recorrer às suas propostas pedagógicas para enfatizar o ensino amorável. (Valdez, 2006a, p. 81).

Sua concepção educacional, portanto, bebia da fonte de vários autores, mas não se apoiava em nenhum deles de forma categórica. Sobre a atuação do mestre (professor) na sala de aula:

[...] o principal cuidado que o mestre deveria ter, segundo Abílio Borges, seria desenvolver em seus alunos sentimentos elevados e o amor ao estudo. Nesse intuito, o rigor exagerado, as palavras duras e os atos violentos deveriam ser evitados, pois provoca o efeito contrário ao desejado. (Azevedo; Neta; Stamatto, 2021, p. 16).

Abílio deixava claro sua posição em relação à educação ao propor um ensino que se desenvolvesse e que fosse “pautado na sabedoria e no amor” (Azevedo; Neta; Stamatto, 2021, p. 16) e não mediante a uma forma violenta.

Zilberman (2012a) reflete sobre as referências do Colégio Ateneu com o próprio Colégio Abílio. Ao pensar na questão da violência física (como o uso da palmatória), tanto no colégio Ateneu quanto nos colégios de Abílio era criticada e repreendida, entretanto, a autora reflete que violência era uma marca do Colégio Ateneu ao apresentar aspectos de autoritarismo e vigilância pelo diretor Aristarco. A autora também reflete que a figura do diretor do romance, Aristarco, é uma possível referência ao próprio Abílio compreendendo-os como diretores autoritários na gerência de seus colégios. Entretanto, não quer dizer que Pompeia representou Abílio de forma severa ao fazer uma possível representação dele em seu romance. Segundo Zilberman (2012b):

[...] o Abílio da vida real parece dar razão mesmo ao Abílio ficcional, vale dizer, ao Aristarco de O Ateneu. Não que Raul Pompeia, nos seus textos, tenha-se restringido

ao exame da escola do Barão de Macaúbas. Afinal, a se julgar pelo necrológio que publicou em 1891, por ocasião da morte de seu antigo professor, ele admirava o velho mestre [...] (Zilberman, 2012b, p. 45).

Ainda que Pompeia tivesse uma admiração por Abílio, o representou em seu romance de uma maneira zelosa e autoritária, assim como representou a sua experiência escolar no colégio de Abílio. Souza (2015) também reflete sobre essa questão ao destacar que:

Ao elaborar compêndios com desenhos e frases curtas porém relatando experiências do cotidiano infantil, como suas brincadeiras; ao levar atlas, mapas, plantas e instrumentos para o ensino da geografia e das ciências naturais; ao propor uma narrativa menos positivista e mais "ensaísta" para o ensino de história e literatura, Borges se colocava como herdeiro de uma tradição escolar voltada para grupos de elite ao mesmo tempo em que, no seu Ginásio, elaborava propostas e as praticava no intuito de fazer algo novo. Ainda que essa novidade tenha lhe valido a fama de "vaidoso", cujo relato fictício de Aristarco, diretor d'O Ateneu de Raul Pompeia (1996), teria sido inspirado em Borges, é inegável que sua experiência pioneira no ensino particular nacional, ainda que partilhando matizes de um repertório pedagógico imperial propostas pelo governo central no Colégio Pedro II, foi muito além de mera cópia ou espelho daquele colégio da Corte ou da preparação dos seus alunos para o exame de acesso às academias superiores. Borges promoveu inovações centrais no campo da educação. (Souza, 2015, p. 144).

Ainda que em sua tese Souza (2015) reflita mais profundamente sobre o Ginásio Baiano de Salvador, ele também destaca as inovações que Abílio trouxe para a educação promovendo a fama do educador sendo representado como vaidoso na obra literária.

Outro ponto a ser levantado sobre o Colégio Abílio no Rio de Janeiro é a respeito de seu espaço físico, a respeito do qual Valdez (2006b) explica que:

A imensa chácara, dividida em dois pavimentos, localizava-se no centro da Corte (Botafogo), porém longe do barulho e rumor. A sala de entrada dava as boas-vindas aos visitantes (repleta de materiais de ensino importados dos EUA e Europa) e, das 'largas janelas envidraçadas', avistava-se a baía de Botafogo, de um lado, e, do outro lado, o pátio, permitindo uma vigilância constante do jardim. O jardim, ou a chácara arborizada de recreio, era a atração do colégio. Com mais de mil metros quadrados, dividia-se em nove avenidas por árvores (palmeiras e mangueiras perfeitamente alinhadas, permitindo que as crianças se abrigassem do sol), com chão coberto de areia fina e limpa, espaço sem árvores para não impedir a entrada do sol no interior do colégio e outros elementos que, segundo o relatório, estavam acima das exigências mínimas da inspetoria de higiene. O recreio era dividido em "sessões" correspondentes aos alunos maiores, médios e menores. A separação era efetivada durante o tempo todo do recreio pelos inspetores ou vigilantes do colégio. O jardim, além da recreação, tinha uma "utilidade real" para a educação da infância, pois os alunos, desde cedo, colhiam ali noções de botânica prática, exercitando-se nos trabalhos de cultura elementar. Os dormitórios espaçosos, arejados e claros eram divididos em dois salões, abrigando os alunos pequenos e os maiores, comunicando entre si por uma alcova iluminada, à noite, por uma fraca luz central (até o amanhecer). Eram zelados a noite inteira por guardas que se revezavam, exercendo uma vigilância contínua sobre os alunos, de forma que viesse, segundo o parecer de higiene, a garantir perfeitamente a moralidade, o repouso e a tranquilidade durante o sono. As classes, de forma retangular, com dimensões suficientes, além de alegres, claras e arejadas, recebiam luz conveniente, através de largas janelas envidraçadas, de forma que os raios solares atingiam todas as salas, repletas de materiais adequados às matérias lecionadas. (Valdez, 2006b, p. 11).

É possível compreender a preocupação de Abílio com a arquitetura do lugar bem como o seu lugar geográfico sendo o terreno composto por uma grande área arborizada e localizado em um local da cidade pudesse ser mais arejado e mais higiênico, tendo em vista que a questão higiênica era complexa no período na cidade da Corte (Valdez, 2006b). Os cômodos eram amplamente arejados; os dormitórios eram, claros e espaçosos, bem como a sala de aula também arejada e com grandes janelas para que entrasse raios solares possibilitando um clima agradável e higiênico aos locais.

As instituições consideravam as discussões da medicina higienista da época em que era preciso ter instalações que fossem arejadas, com luz solar para que pudessem ter uma boa saúde e uma higienização dos corpos; a questão higiênica deveria se expandir no espaço urbano e, por conseguinte, nos espaços de escolarização (Gondra, 2004).

Valdez (2006a) reflete que Abílio se mostrava inclinado ao modelo de escola internato e, assim, a forma arquitetônica de seus colégios apresentava semelhanças devido a importância do lugar em que deveria acontecer a educação:

Abilio sempre se mostrou favorável aos internatos, adotando este sistema para todos seus colégios. Enquanto Diretor da Instrução, já havia sugerido a transformação do Liceu da Bahia nesse tipo de estabelecimento, alegando que seria de inestimável proveito para a Província, por ser mais fácil ali a ‘correção dos costumes’ e a ‘manutenção da ordem’. Com origem nas clausuras rigorosas feitas para as ordens religiosas, o internato foi utilizado como espaço escolar primeiramente pelos jesuítas e foi uma das causas do êxito na educação dos padres da Companhia de Jesus. Seu papel era de instaurar um mundo pedagógico, separado do mundo externo. Este tipo de estabelecimento era tomado como modelo escolar ideal para a efetivação do projeto de moralização, gestado e legitimado pela ordem médica. Representado como fortaleza, o colégio atuaria como uma verdadeira barreira contra os vícios, sendo preciso, para tanto, evitar o contato dos alunos com o mundo exterior, controlar suas saídas, comunicações e leituras. Educar requeria, naquele momento, certo enclausuramento para evitar tudo que pudesse ameaçar o projeto de investimento na moralização das crianças. O aspecto de prisão dos colégios de Abílio também estava dentro da arquitetura dos sobrados do século XIX. Com seus portões, muros altos e cães ferozes tinham a intenção de preservar a família patriarcal urbana da plebe de rua composta por sedutores, ladrões e, sobretudo, moleques ou meninos e meninas da mesma idade dos pupilos dos colégios, os quais estavam fora da escola e que, em grande parte, se ocupavam de ofícios menos dignos, como vendedores de loterias e quitutes, condutores de cegos, etc. (Valdez, 2006a, p. 86).

O modelo arquitetônico e o lugar do colégio seria, portanto, parte essencial para a aprendizagem dos estudantes, passando por uma atenção especial para a escolha e delimitação geográfica dos colégios. Para além da aprendizagem acadêmica, havia também a questão da moralidade, que era relacionada ao lugar da instituição escolar: quanto mais “seguro” e longe das possíveis ameaças, a criança poderia desenvolver a sua moralidade sem impasses. Segundo Valdez (2006a):

O Ginásio era um espaço, como definiu Abilio, distante das distrações, ou seja, que separava a criança e o jovem do mundo adulto (visto com desconfiança) e também do

mundo dos meninos e meninas sem ‘eira nem beira’, vistos com desprezo pelos bem nascidos. Era necessário distanciar os internos dos moleques vadios para que pudessem viver em um ambiente pedagógico ‘puro’, um ambiente saudável [...] (p. 86).

Os ginásios eram compreendidos por Abílio como um local em que serviria para controlar as imprudências das crianças, conforme aponta Valdez (2006a):

De acordo com Abílio, para que a infância e a juventude pudessem representar um futuro próspero, era preciso uma educação reforçada, pois a idade que os cercava era plena de ‘perigos e ameaças’. Desta forma, seu estabelecimento era um espaço pra controlar essas constantes imprudências, pois ‘o bem nasce do bem’ [...] (Valdez, 2006a, p 87).

Outro aspecto a ser pensado é a questão da vigilância, o pátio permitia uma ampla vista do jardim facilitando a vigilância, além de os dormitórios serem vigiados constantemente durante a noite para manter a ordem e garantir a moralidade dos estudantes; a questão da iluminação interna era uma preocupação do local sendo bem cuidada ao pensar que era um elemento importante da questão higienista (Valdez, 2006b). Havia frases moralistas ou máximas em latim (traduzidas ou não) de Sêneca, Juvenal entre outros, que decoravam as paredes dos seus colégios; em alguns casos, a cópia ou a memorização de máximas como de Marquês de Maricá eram utilizadas na punição dos estudantes (Valdez, 2006b).

Valdez (2006a) reflete que Abílio também recebeu críticas sobre os métodos ou os modernos recursos de ensino utilizados em seus colégios. A autora reflete que o problema não era a utilização dos recursos em si:

[...] a questão era a aplicação da metodologia avançada por uma instituição que apoiava a Monarquia e era favorecida por ela, a exemplo do título de barão recebido por Abílio e das constantes visitas do Imperador e da herdeira do trono em seus colégios. Abílio era um admirador da Monarquia, contudo compactuava com os republicanos na crença de que não haveria democracia sem instrução e de que a solução para a instrução popular não teria que vir do governo e, sim, da iniciativa particular. (Valdez, 2006a, p. 95).

Devido ao seu posicionamento político em apoio à Monarquia, Abílio tinha grande contato com Dom Pedro II, mas compreendia a educação a partir de um olhar republicano pensando que não haveria a possibilidade de existir democracia sem a instrução, a educação (Valdez, 2006a). Entretanto, a ideia era de que a iniciativa particular deveria ser a solução para a instrução.

Sobre a questão docente, Abílio se preocupava com a formação docente e com o tipo de professor que lecionaria em seus colégios, como reflete Valdez:

Abílio, ao chamar a atenção para a questão da criança como um ser ativo e do respeito à ordem natural do seu crescimento e de seus sentidos, salientou igualmente que, para que essa prática se efetivasse com sucesso, era necessário que um professor moralizado e sábio assumisse esta árdua tarefa. No século XIX, era unânime a opinião de que a moralidade e a capacidade intelectual dos professores constituíam as

condições fundamentais para o êxito da instrução, estando nas mãos deles o papel redentor de instruir e educar os que eram o futuro da pátria. (Valdez, 2006a, p. 117).

Em outra passagem, Valdez, continua refletindo que:

As exigências postas por Abílio, assim como por outros intelectuais do período para com os professores, as quais incluíam requisitos intelectuais e morais, tinham por função principal garantir a boa formação moral e intelectual dos alunos. Para isso, os mestres deveriam conhecer bem os alunos, ter paciência e autoridade, investir na sua própria formação, ser felizes e honrados para, desta forma, conduzir o alunado no caminho da formação de uma sociedade com as mesmas aspirações. Critérios não tão diferentes dos que são postos nos dias atuais. (Valdez, 2006a, p. 126).

A moralidade, portanto, seria peça fundamental para o trabalho docente no colégio. Além da moralidade, Abílio compreendia o trabalho docente como uma missão a ser cumprida, então além de apresentar uma boa moral, os professores deveriam estar dispostos a realizar as atividades religiosas:

Um bom professor também deveria portar uma boa formação de caráter para exercer sua sagrada missão. Se o mestre era a referência, um exemplo a ser seguido, não poderia abrir mão das atividades religiosas. Portanto, desde que era Diretor da Instrução, Abílio recomendava-lhes que acompanhassem seus discípulos nas missas e, em seus colégios, exigia a presença de seus professores em diferentes rituais católicos. (Valdez, 2006a, p. 126).

Assim, a questão religiosa se tornava um aspecto importante para o trabalho docente para o cumprimento da “missão” docente reverberando na rotina escolar como o acompanhamento dos professores aos estudantes em idas a missas ou a cerimônias religiosas. Tendo professores comprometidos com a moral e dispostos a participar das cerimônias propostas pela Igreja Católica, seria possível atingir o ideal pedagógico da Abílio:

O ideal pedagógico de Abílio centrava-se na formação da criança que se desenvolveria através do cuidado com o corpo, como ginástica, práticas de higiene e de boas posturas, e também com a mente através do conhecimento científico e literário clássico, assim como pelo cuidado com a alma, através das práticas religiosas voltadas para a exaltação do amor divino presente no ensinamento ético religioso do cristianismo. O tripé saúde, moral religiosa e ciências favoreceria a harmonia interior e formaria bons homens para servir a sociedade. (Valdez, 2006a, p. 127).

Valdez (2006a) reflete, portanto, que essa tríade de “saúde, moral religiosa e ciências” fazia parte da concepção pedagógica de Abílio promovendo práticas e métodos em seus colégios.

Pensando que a religião católica era a religião oficial do Estado naquele período, e que havia discussões sobre a utilização do ensino religioso vinculado à educação pública e privada, é possível destacar, a partir de Valdez (2006a), que Abílio, não descartou o ensino religioso em seus colégios.

Indiferente às polêmicas a respeito de se ensinar ou não a doutrina religiosa na escola, Abílio manteve a instrução e a educação moral baseadas na religião católica, um aspecto predominante e determinante em sua pedagogia, sobretudo para o ensino

primário, como bem expressaram seus programas de matérias, além dos discursos por ele pronunciados. Era mister assegurar uma infância e uma juventude tementes a Deus e, para tanto, era preciso contar com todos. A princípio, com a família, na idade que antecedia a escola que, depois, daria continuidade a esta árdua tarefa. Para o autor, a escola não teria nenhum valor e não daria bons frutos se não fosse embasada pelos princípios religiosos [...]. Apesar de Abílio ressaltar a importância da formação moral cívica, a formação moral religiosa é que ocupou um maior espaço em seus discursos e textos para as crianças no início da vida escolar. Porém, para ele, as duas estavam intrinsecamente associadas, pois, sem as virtudes religiosas que deveriam orientar a vida da criança, a escola não teria função e pouco restaria a fazer pela pátria. Ou seja, pela predominância da fé, brotaria, de forma quase inevitável, a obediência, a disciplina, a ordem, o dever e o respeito. Este era um princípio essencial para o católico Abílio, desde que ocupava o cargo de Diretor da Instrução. Através dos princípios religiosos, ele se armava de argumentos, nos discursos, e de materiais publicados para a infância, para divulgar suas ideias fecundadas no amor e na sabedoria, de modo a adequar o ensino à realidade da criança, combater o emprego do rigor na educação, incentivar o aprendizado prazeroso e, sobretudo, inculcar na criança as virtudes necessárias para ter um ‘bom coração’. (Valdez, 2006a, p. 153, 154).

A educação com princípios religiosos, portanto, era um instrumento para a educação e o ensino da moral, promovendo um corpo estudantil de bons cidadãos que seriam moralizados. A educação religiosa causaria um efeito moralizador nos estudantes promovendo uma sociedade sadia. Os colégios de Abílio, todavia, não eram confessionais, eram particulares e apresentavam em suas rotinas e rituais escolares a prática religiosa, apresentando até mesmo capelas dentro dos colégios:

Os colégios de Abílio eram laicos, mas apesar disso, a prática religiosa ocupou um lugar importante. Isto foi expresso no currículo, como já vimos, nos livros de leitura, nos rituais como missa, primeira comunhão e outros. O quadro de matérias do Ginásio Baiano incluía a admissão gratuita dos alunos no ensino do Catecismo da Religião Cristã, a interrupção de aulas em dias santos, a oração como primeira e última atividade do dia e a leitura, em voz alta, da Bíblia Sagrada, no refeitório. Nos quadros de professores, havia padres-mestres ministrando disciplinas como latim, história sagrada, línguas estrangeiras e também ocupando cargos de responsabilidades, como vice-diretor, coordenador e outros. No colégio da Corte e no de Barbacena, na década de setenta e oitenta, em um momento de plena efervescência dos debates acerca do assunto, continuavam prevalecendo aulas de ensino religioso, juntamente com oração e canto na capela como última atividade diária, antes do recolhimento geral. Em cada colégio havia uma capela [...]. (Valdez, 2006a, p. 156).

Pactuando com o estabelecimento da religião cristã católica como oficial do império brasileiro, Abílio adotou as práticas religiosas em seus colégios mesmo sendo instituições laicas.

A respeito do método de ensino utilizado nas instituições do educador, Valdez reflete que:

[...] além do ensino baseado na moral cristã, o diretor compreendia a importância do conhecimento científico. Era incessante sua busca por novos materiais para ensinar conteúdos das ciências naturais, ressaltando constantemente a importância dos meninos acompanharem os progressos da ciência. (Valdez, 2006a, p. 130).

A ciência era sobremaneira valorizada por Abílio, de forma que o educador privilegiava seus colégios com materiais, instrumentos que fossem voltados para o ensino das ciências naturais. Segundo a mesma autora (2006a), no Colégio Abílio da Corte foi introduzida disciplinas nas áreas de ciências naturais “[...] como mineralogia, geologia, botânica, química e zoologia, assim como de outros interesses, como agricultura, higiene, direitos e deveres do homem e economia política, matérias relevantes no que se refere à valorização do trabalho.” (Valdez, 2006a, p. 136).

As ciências naturais ocupavam um lugar de destaque e importância no colégio de Abílio. Além das ciências naturais, a ginástica também ocupava um papel de importância em seus colégios:

A ginástica sempre ocupou um papel de destaque nos programas do ensino primário (no secundário isso se repete). Evidentemente que, como médico, Abílio não poderia deixar de ressaltar a importância de manter o corpo e a mente sãos. Além disso, a ginástica era uma legítima propaganda de seus estabelecimentos. Nos artigos que descreviam as cerimônias dos colégios, a exibição dos alunos com alteres [sic], bastonetes e outros modernos equipamentos de exercício de evolução era um momento que abrilhantava e mostrava a superioridade da organização dos estabelecimentos, emocionando convidados, pais e alunos. (Valdez, 2006a, p. 137).

Além das ciências naturais e da ginástica, a música, a gramática da língua materna (leitura e escrita), a geometria também eram disciplinas valorizadas nos colégios de Abílio (Valdez, 2006a).

No Brasil oitocentista, havia uma grande discussão sobre os métodos educativos de forma que havia uma miscelânea de modos para ensinar. Segundo Valdez (2006a), o método mais utilizado nos colégios de Abílio era o método das lições das coisas:

Nos colégios de Abílio, era evidente a adoção deste método. Vários documentos caracterizavam as salas dos colégios, apontando os recursos práticos utilizados para facilitar o ensino do curso primário intuitivo. O ambiente das salas repletas de coleções mineralógicas, peças botânicas, museus com insetos, répteis, instrumentos de física, química, sólidos, geométricos, mapas, globos etc. não fugiu do olhar dos visitantes dos colégios, que viam estes instrumentos como prova da excelência e da racionalidade com que era dirigido o ensino infantil. Desta forma, o ensino intuitivo, baseado nas lições de coisas, já era largamente utilizado em suas escolas, antes mesmo dos debates em torno do tema. (Valdez, 2006a, p. 133).

Em concordância com essa ideia, Sousa (2015) reflete que:

[...] durante toda a sua vida pedagógica, o Borges preferiu adotar o método intuitivo em suas escolas. Grosso modo, o método intuitivo, também conhecido como "lição das coisas", pautava-se na máxima "ver para compreender", destacando a possibilidade do conhecimento a partir das sensações geradas pelos sentidos. Assim, a manipulação dos objetos didáticos os mais diversos, como globos terrestres, por meio dos quais se iniciaria o ensino de geografia, o uso de instrumentos no intuito de se fazer experiências químicas e a recitação nas aulas de línguas promoveriam a aprendizagem do aluno. Por isso, era fundamental que se partisse do conhecimento que se tinha sobre o mundo e dele se apresentarem novos conhecimentos dos fenômenos [...] (Sousa, 2015, p. 148-149).

Este método de aprender através da experimentação das coisas era comum nos colégios de Abílio, sendo o método mais utilizado. No colégio apresentado na obra literária de Pompeia é possível encontrar representações dos materiais utilizados nas aulas de ciências naturais que indicam a possibilidade do uso do mesmo método de ensino que o dos colégios de Abílio.

Como destaca Souza:

Borges, em seus colégios, promovia um repertório pedagógico de tom modernizante, que reunia tanto questões intelectuais nas quais ele próprio se colocava como ativo interlocutor quanto aspectos de sua ação política, como na sua defesa da causa abolicionista. A seleção das matérias de ensino por ele promovida sugere, portanto, que o espaço escolar era aspecto central do processo de mudanças políticas pelo qual passava a monarquia no país. (Souza, 2018, p. 170).

Nos colégios de Abílio a prática de recompensar os estudantes com prêmios e cerimônias era recorrente, além das grandes festividades que ocorriam com luxo e pompa. Abílio compreendia a importância de valorizar os esforços dos estudantes e de tratá-los com louvor, sendo uma prática representada no romance de Pompeia:

Na obra *O Ateneu*, Raul Pompéia (1992) descreveu com precisão as festas de ‘arromba’ promovidas pelo diretor que, segundo o autor, tinha um ‘talento’ especial para fazer de seu colégio uma tradução completa da alegoria. O ex-aluno de Abílio registrou a festa de encerramento do ano, a qual reunia os alunos com suas fardas de botões dourados (a fina flor da sociedade brasileira), o diretor (sentado em seu trono), os ministros do império, os pais e outros ilustres convidados que faziam parte da comissão de prêmios. Segundo Pompéia, o ambiente majestoso, preparado para a campanha da ‘ciência e do bem’, causou profunda impressão no menino Sérgio que, ao ser comunicado pelo pai de que iria ser matriculado no Ateneu, sentiu um imenso prazer, definido como consequência apaixonada pela sedução do espetáculo. Esse relato ia ao encontro das descrições, sobretudo as feitas pela imprensa, referentes às cerimônias e festas dos colégios de Abílio, marcadas por luxo, pompa, eloquência e pela satisfação de se comprovar a eficiência do ensino de seus colégios. Premiar e recompensar sob forte emulação era uma proposta de Abílio, provinda da década de cinquenta, quando ocupava o cargo de Diretor da Instrução. (Valdez, 2006, p. 160).]

As grandes festas dos colégios de Abílio foram representadas no romance de Pompeia expondo como eram importantes para a elite, sobretudo a elite carioca do Colégio O Ateneu. Na obra de Pompeia, as festas eram prestigiadas por membros da família real como a princesa Isabel, possivelmente uma referência às festas dos colégios de Abílio, sendo ele próximo da família real e próximo de Dom Pedro II.

Nos colégios de Abílio passaram vários jovens que futuramente se tornaram personalidades famosas como Castro Alves⁴, Rui Barbosa⁵ no Colégio Baiano em Salvador, e o próprio Raul Pompeia no Colégio Abílio no Rio de Janeiro.

Os colégios de Abílio repercutiram não só culturalmente, mas também politicamente. Vários egressos dos colégios dele, em específico o Ginásio Baiano, seguiram na vida pública apresentando como personalidades modernizadoras e abolicionistas como o próprio escritor Antônio Frederico de Castro Alves⁶, como destaca Sousa (2015).

⁴ Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871) foi poeta brasileiro e defensor do abolicionismo. Suas obras são compreendidas como parte do Romantismo brasileiro. Em sua adolescência estudou no Colégio Abílio no Rio de Janeiro, lugar em que apresentou talento para a poesia. Aos 17 anos se mudou para o Recife para estudar Direito.

⁵ Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) foi um escritor, político, jornalista, jurista advogado, diplomata, filólogo, tradutor e orador brasileiro. Participou da fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL) se tornando posteriormente presidente dela.

⁶ O poeta era conhecido como "poeta dos escravos", pois, escreveu várias poesias de cunho abolicionista. Uma de suas obras mais conhecidas é *O Navio Negreiro* de 1880. Defendia ideias republicanas e abolicionistas.

4 ANÁLISE D'O ATENEU: CRÔNICA DE SAUDADES

O Ateneu: crônica de saudades, escrito por Raul Pompeia (1893-1895), é uma obra compreendida atualmente como um romance da literatura brasileira; foi publicado em 1888 sob a forma de folhetim – uma publicação diária no jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Tendo como subtítulo “Crônica de saudades”, é uma obra de ficção narrada em primeira pessoa pelo protagonista Sérgio.

Atualmente, *O Ateneu* é compreendido como um romance da literatura brasileira, entretanto, é preciso pontuar algumas reflexões a respeito do gênero pelo qual ele foi lançado na época. O subtítulo da obra indica "crônica de saudades", portanto, é importante compreender o sentido de “crônica” para a época. Segundo o dicionário Caldas Aulete publicado em 1881, "chronica" seria uma espécie de história ou narração dos fatos segundo a ordem dos acontecimentos, uma narração dos principais acontecimentos ou uma biografia. Para Fischer (2005, p. 247), os cronistas seriam como "cães vadios, livres farejadores do cotidiano", pois, remete a contação de fatos do cotidiano que permite abordar diversas questões da vida por diversas perspectivas. Assim, ao lançar sua obra, possivelmente Pompeia quis expressar essa ideia ao trazer uma história narrada em primeira pessoa de forma cronológica com passagens que se inspiraram em suas memórias de infância.

O mesmo dicionário de 1881 pontua o romance como o romance seria uma narração verdadeira ou falsa, em prosa ou verso, podendo ser novela, canto de amores, conto, fabula, narração em prosa ou verso de aventuras imaginárias, inventadas e combinadas; uma narração em prosa ou verso de aventuras imaginarias. Além disso, o dicionário pontua sobre ser enredo de coisas falsas ou inacreditáveis, fantásticas entre outros. O mesmo dicionário pontua variados tipos de romance, como os didáticos, humorístico, satírico, epistolar, íntimo, de costumes, de capa e espada com variadas características.

Ao olhar para esses significados do dicionário da época, é possível pontuar que *O Ateneu* foi lançado inicialmente como uma obra do gênero crônica, sendo uma “crônica de saudades” como o próprio autor destaca no subtítulo da obra, entretanto, atualmente esta obra de Pompeia é compreendida como um romance por ter a estrutura, personagens, enredo que são típicos deste gênero.

A obra foi veiculada inicialmente pelo jornal *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1888. A respeito deste jornal, é importante ressaltar que o jornal *Gazeta de Notícias* foi uma tipografia muito significativa para a época, conforma reflete Sodré (1966), o jornal era “barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar” (Sodré, 1966, p. 257). Segundo Asperti

(2006) reflete que a Gazeta de Notícias "contrapunha e concorria com o único jornal consolidado da época, o Jornal do Comércio" (Asperti, 2006, p. 47).

Sperti (2006) também pontua que, devido a inovação do Gazeta de Notícias em vender o exemplar diariamente por meio de garotos-jornaleiros, o periódico alcançou a fama de ser um jornal popular por conseguir alcançar as massas. A autora também destaca que o periódico era um veículo dos anúncios publicitários e assim "[...] o jornal era visto como veículo de entretenimento e prestador de serviço de grande utilidade pública." (Asperti, 2006, p. 49). Além disso:

Fato curioso a ser ressaltado é que desde o início da Gazeta de Notícias um texto nunca se mostrou ausente: a crônica semanal. Praticamente todos os dias da semana o jornal acolhia uma produção de algum escritor ilustre: Eça de Queirós, Émile Zola, Machado de Assis, Coelho Neto, Guilherme de Azevedo, José do Patrocínio, etc. Mesmo ainda não possuindo o jornal um cronograma fixo de publicação para cada colaborador, ou mesmo que estes estivessem disfarçados sob a máscara de um pseudônimo, semanalmente distintos escritores compunham textos para a Gazeta de Notícias. (Asperti, 2006, p. 50).

Sperti (2006) pontua que a crônica se tornou um gênero transmitido pelo periódico desde o seu início de funcionamento, além de ter posteriormente as publicações estabilizadas, não só no Gazeta de Notícias:

A fixação da crônica como texto efêmero, de linguagem coloquial, de narrador-comentador subjetivo se estabiliza no periódico na década de 1890, embora acabe por perder seu espaço consagrado, não só na Gazeta como em muitas outras folhas já no início do século XX, em decorrência da modernização jornalística que, sendo concomitante à urbana, vem alterar os rumos das ruas e do jornalismo literário carioca [...] (Asperti, 2006, p. 52).

É possível refletir que o jornal Gazeta de Notícias se tornou importante para a sociedade da época, sendo um periódico popular que atendia as massas através da publicação de anúncios publicitários, romances-folhetins, crônicas entre outros (Asperti, 2006). Assim, é possível constatar que possivelmente a notoriedade d'O Ateneu se deu devido ao alcance que o periódico teve na sociedade carioca.

Segundo Vasconcelos Júnior (2022), a obra sofreu algumas alterações nas edições publicadas depois da primeira edição como a adição das ilustrações feitas por Pompeia que também sofreram alterações no decorrer das edições posteriores:

O livro foi lançado em 1888, meses depois de seu aparecimento na Gazeta de Notícias, mas os desenhos só foram inseridos na segunda edição, capitaneada pela Livraria Francisco Alves dez anos após o falecimento do autor (a folha de rosto apresenta a data de 1905; a capa, 1906). Estiveram sob os cuidados do editor, que os doou, em 1907, à Biblioteca Nacional, onde até hoje permanecem. [...] Em junho de 1894, Pompeia vendeu os direitos autorais à casa editorial, mas, como cometeu suicídio em dezembro do ano seguinte, não pôde acompanhar a edição. [...] No caso de O Ateneu, o texto sofreu inúmeras alterações, extensivas em certo grau aos desenhos do autor. Originalmente, Raul os traçara a crayon; contudo, na brochura de 1905, eles aparecem a bico de pena. (Vasconcelos Júnior, 2022, p. 261).

A obra sofreu algumas alterações após a primeira publicação em 1888, como destacado pelo autor, na edição publicada pela Livraria Francisco em 1905 a obra apresenta ilustrações feitas pelo próprio escritor. As ilustrações ocuparam um lugar importante na escrita de Pompeia, sendo um elemento importante no processo de escrita do autor; algumas das ilustrações do enredo d'*O Ateneu* feitas pelo autor serão apresentadas posteriormente.

Sobre a obra *O Ateneu*, Camil Capaz (2001) em sua biografia sobre Pompeia, destaca que:

[...] classificado pelo próprio autor como Crônica de Saudades, pretendia ser, ao que tudo indica, um relato fiel dos seus tempos de internato, mas parece que à medida que o trabalho ia avançando o imaginário do romancista foi-se sobrepondo às suas lembranças, com os dados ficcionais prevalecendo sobre as referências biográficas. Há algumas pistas que conduzem a tal raciocínio. Veja-se de saída o problema da idade de Sérgio, o narrador da história na primeira pessoa: na introdução primitiva do romance – existente na Biblioteca Nacional e abandonada na versão definitiva – o autor dizia ter nove anos ao entrar no internato, que é, aliás, a verdadeira idade do seu ingresso no Colégio Abílio, cenário principal da história; passou a dez anos, na versão publicada no jornal; e finalmente a onze na versão definitiva em livro. (Capaz, 2001, p. 106).

A obra é entendida como um romance autobiográfico ainda que, como destaca Capaz (2001), tenha dados ficcionais. É preciso analisá-la a partir das representações que Pompeia construiu no enredo; não é um relato fiel de sua experiência escolar, mas uma construção feita a partir das memórias de Pompeia. Como já visto em Nora (1993), a memória é algo vivo dinâmico, que pode ser constantemente criada, deformada e manipulada. Segundo Nora (1993, p. 9), a memória “[...] está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulação [...]”. *O Ateneu* possui fortes elementos autobiográficos que a conectam à experiência de Pompeia em um colégio interno. A partir do conceito de Nora (1993), é possível analisar que Pompeia utilizou das suas memórias, deformando-as e manipulando-as para a escrita do romance. Pompeia, por meio do romance também tece uma crítica a sociedade da época.

Dividida em doze capítulos, o enredo apresenta a experiência de Sérgio ao estudar em um colégio interno chamado *Ateneu*. O subtítulo “crônica de saudades” faz referência ao próprio Raul Pompeia, sendo a obra literária um relato de suas memórias do tempo em que passou no Colégio Abílio no Rio de Janeiro. O texto é escrito de maneira complexa e torna a leitura não fluida, entretanto, esses aspectos da escrita podem contribuir para elucidar o enrijecimento do próprio colégio *O Ateneu*.

Capaz (2001, p. 15) reflete que “O clima opressivo que esmagava o menino Sérgio – narrador que Pompeia escolheu para falar em seu nome – e a visão da instituição escolar como uma espécie de prisão, são referências de caráter biográfico inquestionáveis”. Capaz (2001) destaca o clima opressivo e autoritário do colégio faz parte dos aspectos biográficos e memorialísticos de Pompeia.

A obra possivelmente faz parte do movimento realista e naturalista da literatura brasileira. Sobre o Realismo:

Freqüentemente estudado como um fenômeno que se teria iniciado em meados do século XIX, na França, no bojo do positivismo, o termo tem sido largamente usado para definir qualquer tipo de representação artística que se disponha a “reproduzir” aspectos do mundo referencial, com matizes e gradações que vão desde a suave e inofensiva delicadeza até a crueldade mais atroz. (Pellegrini, 2007, p. 137).

Segundo a autora, este movimento literário se dispõe a reproduzir aspectos do mundo real, desde características inofensivas até mesmo a crueldade e violência. O Naturalismo:

[...] consistiu num “curto episódio”, devido a sua curta duração e a exígua herança significativa que nos legou. Além de Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro e Raul Pompéia, que outros nomes mereceriam ser historiados? Aluísio de Azevedo escreveu a mais importante obra do Naturalismo, *O Cortiço*, porém, nenhuma outra obra sua alcançou mesmo nível, o que também não foi alcançado pelos outros nomes junto a ele citados. O Naturalismo buscava uma explicação da sociedade, porém erra quando, ao invés de deter-se nas pessoas, detém-se apenas nos acontecimentos. (Dias, 2010, p. 96).

O naturalismo tem como um dos focos a atenção ao grotesco e ao patológico da sociedade em que o destino dos personagens era determinado pelo aspecto socioeconômico; além disso, apresenta-se no movimento um foco em personagens marginalizados pela sociedade e pela objetividade da linguagem como pode ser visto na obra *O cortiço* (1890) de Aluísio de Azevedo (Dias, 2010).

O Ateneu é visto como uma obra que traz traços destes dois movimentos literários, e pode ser compreendida como uma “miscelânea de estilo”, como reflete Souza (2016, p. 99), ou como uma “miscelânea de traços artísticos”, segundo Neves (2015, p. 191).

Além disso, Capaz (2001) reflete que:

Romance inovador, em *O Ateneu* há uma gama surpreendente de variações estilísticas. Assim procedendo, Pompeia nada mais fez do que cumprir à risca a tese expressa em seus papéis íntimos de que o estilo gradua-se proporcionalmente ao tema, sem precisar ater-se unicamente à simplicidade da prosa de um Stendhal [...] (Capaz, 2001, p. 114).

Capaz (2001) destaca que Pompeia utiliza vários estilos como figuras de linguagem para dar robustez a sua prosa. Embora o foco seja a análise das representações históricas contidas no enredo da obra, é importante ressaltar também a sua colocação no campo literário e, como é perceptível, ela abarca alguns estilos literários.

O romance é ambientado no século XIX brasileiro e em específico na capital brasileira do momento – O Rio de Janeiro. O Ateneu é apresentado como um colégio interno em que a disciplina e a moralidade são valorizadas acima de qualquer subjetividade dos alunos, sendo um ambiente rígido e extremamente rigoroso. O corpo estudantil – composto apenas por meninos – vive de forma regrada sem possibilidade de expressar opiniões próprias ou singularidades. A padronização dos comportamentos bem com a carga de disciplinas a serem estudadas coíbem os estudantes em seu cotidiano gerando pressões e estresse. Segundo Neves (2015, p. 191) “A crítica mais contundente do livro é à sociedade. Entendida como um microcosmo dela, *O Ateneu* foi relatado como uma escola onde sobreviviam os mais fortes, tais como na sociedade burguesa da época.”.

A trama se inicia quando Sérgio – o protagonista – vai visitar o colégio antes de começar a estudar. Nas duas visitas realizadas pelo menino e o seu pai já é apresentado ao futuro estudante a rigorosidade em que ele será exposto no período em que estudar naquele local. Um dos episódios que retrata tal rigorosidade, o diretor, Aristarco, anuncia em uma de suas visitas que ele precisará cortar os cabelos para poder ficar no padrão da escola.

— Pois, meu caro Sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabeleireiro deitar fora estes cachinhos... Eu tinha ainda os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe. O conselho era visivelmente salgado de censura. O diretor, explicando a meu pai, acrescentou com o risinho nasal que sabia fazer: “Sim, senhor, os meninos bonitos não provam bem no meu colégio...” (Pompeia, 1973, p. 39).

Seguindo no trecho, é apresentado o momento em que a esposa do diretor chega, “A senhora colhia-me o cabelo nos dedos: — Corte e ofereça à mamãe, aconselhou com uma carícia; é a infância que ali fica, nos cabelos louros... Depois, os filhos nada mais têm para as mães.” (Pompeia, 1973, p. 40). Assim, desde as primeiras visitas de Sérgio na escola ele já é inserido neste ambiente rigoroso e imperativo.

Durante o enredo são apresentados episódios e cenas do cotidiano escolar do colégio de modo que podemos nos aprofundar nas relações sociais que acontecem dentro da escola.

É possível encontrar representações do Colégio Abílio e os métodos de Abílio na obra literária como no trecho a seguir:

Trinta anos de tentativas e resultados, esclarecendo como um farol diversas gerações agora influentes no destino do país! E as reformas futuras? Não bastava a abolição dos castigos corporais, o que já dava uma benemerência passável. Era preciso a introdução de métodos novos, supressão absoluta dos vexames de punição, modalidades aperfeiçoadas no sistema das recompensas, ajeitação dos trabalhos, de maneira que seja a escola um paraíso; adoção de normas desconhecidas cuja eficácia ele pressentia, perspicaz como as águias. Ele havia de criar... um horror, a transformação moral da sociedade! (Pompeia, 1973, p. 40).

Como já visto na seção anterior, Abílio aboliu os castigos corporais e propôs novos métodos e reformas na educação, pensando em uma educação que pudesse transformar os estudantes e aprimorá-los academicamente e moralmente. É possível compreender essa representação do educador Abílio e seus métodos educacionais manifestados na obra literária.

Outra representação, no sentido assumido por Chartier (2002b) que é possível encontrar traços do Colégio Abílio n'O Ateneu, é a descrição que o protagonista Sérgio faz do colégio que viria a estudar:

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomençar com artigos de última remessa; o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios. O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à substância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao pasmo venerador dos esfaimados de alfabeto dos confins da pátria. (Pompeia, 1973, p. 27, 28).

Sérgio faz uma descrição do colégio e seu diretor focando em sua notoriedade na sociedade como o grande colégio da época. Como já visto em Valdez (2006a), os colégios de Abílio bem como sua própria figura, ganharam notoriedade na sociedade brasileira oitocentista sendo uma referência na educação brasileira do período.

Além disso, são apresentados aspectos da religião católica – a religião oficial do Império brasileiro – que permeiam o cotidiano escolar dos estudantes marcando-os com missas, momentos de oração, devoção entre outros. Estes aspectos religiosos dentro do enredo são uns dos aspectos de análise desta pesquisa.

Capaz (2001) descreve uma breve trajetória de Sérgio no decorrer de seus anos no internato:

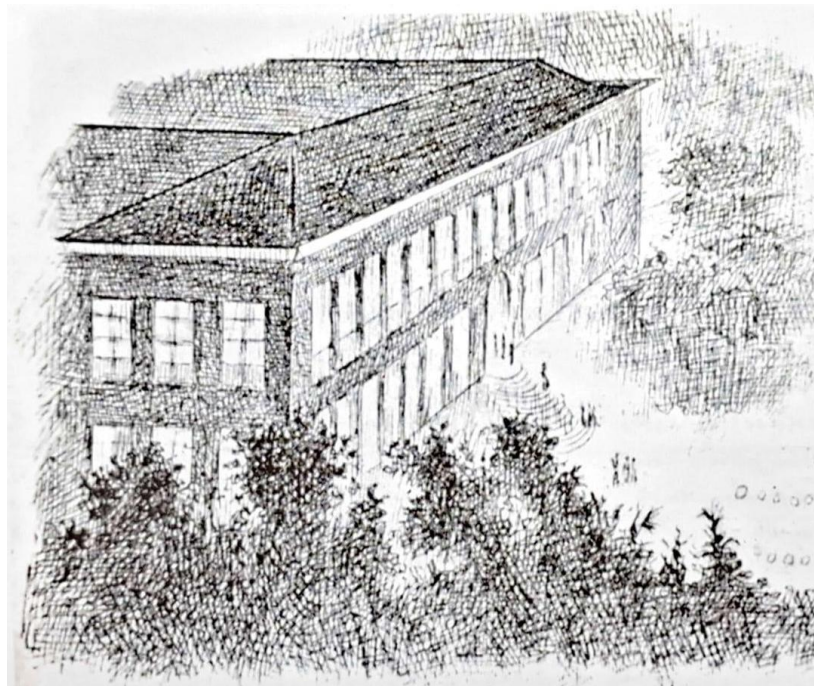
A trajetória de Sérgio no primeiro ano de internato será um rosário de decepções e sofrimento. Sua personalidade amorfa deixa-se envolver primeiro pela influência dissolvente de Sanches, aluno aplicado, que o orientou nos estudos para tentar corrompê-lo; após afastar-se dele, o calouro ingressa numa fase mística, de culto a Santa Rosália, cuja imagem tinha gravada numa estampa que lhe dera uma prima morta prematuramente, e também de completo desinteresse pelas disciplinas do curso. Nesse mergulho degraus abaixo, torna-se amigo de Franco, o pária do Ateneu, eterna vítima de castigos humilhantes, e constantemente trancafiado na cafuná por atos de indisciplina. Passado o surto de religiosidade, Sérgio - sempre à procura de apoio em sua inadaptação e abulia - volta-se para Bento Alves, famoso pela força física, num relacionamento homoerótico, que também se encerra numa briga não claramente explicada. Só com Egbert, já no segundo ano do internato, afirmada a independência de sua personalidade, Sérgio conheceria a amizade franca, pontilhada por momentos

de agradável convívio intelectual, leituras dramatizadas e arremedos de representações teatrais. (Capaz, 2001, p. 109, 110).

Esta pequena trajetória traz de forma resumida os momentos de vivência de Sérgio no internato. Houve vários momentos como: a dificuldade do primeiro ano; a fase mística de devoção; a amizade com alguns colegas específicos entre outros. Esta trajetória também aponta para o desenvolvimento do menino Sérgio para um adolescente.

Um aspecto a ser destacado é a própria presença de uma capela no interior da escola para que os alunos tivessem acesso fácil a religião que influenciava o cotidiano e era de suma importância para ratificar a moral e a rigurosidade do local. Veremos posteriormente mais elementos que representam a religiosidade católica no cotidiano escolar.

Imagem 2 – O Ateneu segundo desenho de Raul Pompeia



Fonte: Capaz (2001).

Neste desenho, feito pelo próprio Pompeia, ele tentou construir visualmente como seria colégio Ateneu de seu enredo; nele, é possível analisar as semelhanças com o Colégio Abílio no Rio de Janeiro. O estilo e os elementos arquitetônicos, além do espaço ao redor do colégio permeado por árvores, apontam para semelhanças com o colégio em que estudou. Outras ilustrações feitas pelo autor são possíveis de visualizar cenas do enredo d'O Ateneu. Como reflete Vasconcelos Júnior (2022), a criação das ilustrações era uma parte importante para Pompeia e seu processo de escritura.

Imagem 3 – Ilustração feita por Pompeia representando Sérgio e seu pai em frente ao colégio no primeiro dia de aula



Fonte: Vasconcelos Júnior (2022)

Imagem 4 – Ilustração feita por Pompeia representando o diretor do colégio, Aristarco



Fonte: Vasconcelos Júnior (2022)

Imagem 5 – Ilustração feita por Pompeia representando o cotidiano do colégio



Fonte: Vasconcelos Júnior (2022)

Imagem 6 – Ilustração feita por Pompeia representando o final do enredo com o incêndio no colégio



Fonte: Vasconcelos Júnior (2022)

Imagem 7 – Ilustração feita por Pompeia representando a humilhação que alguns alunos sofriam no colégio



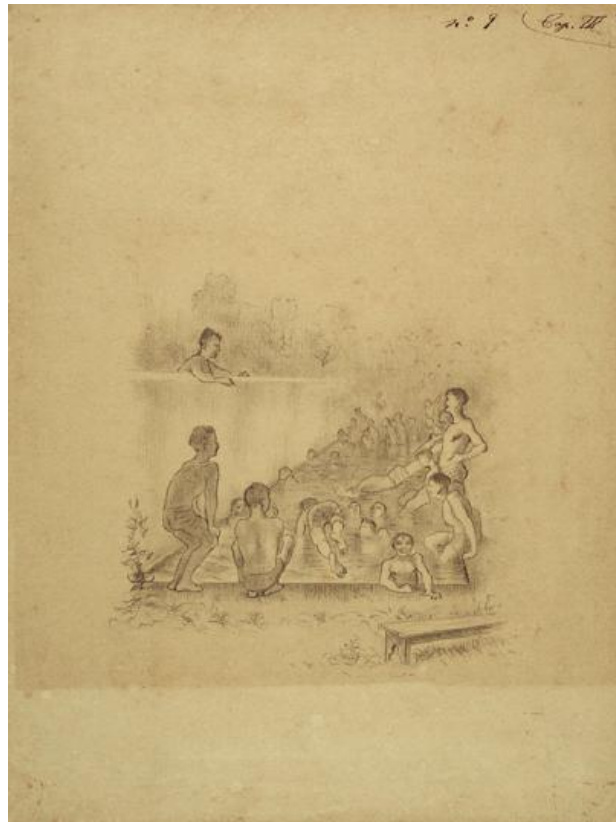
Fonte: Vasconcelos Júnior (2022)

Imagem 8 – Ilustração feita por Pompeia representando o momento dos exames realizados pelos alunos durante sua passagem pelo colégio



Fonte: Vasconcelos Júnior (2022)

Imagem 9 – Ilustração feita por Pompeia representando um momento de banho na piscina



Fonte: Vasconcelos Júnior (2022)

4.1 A vida Raul Pompeia

Raul Pompeia foi um escritor brasileiro que escreveu obras que permearam os estilos Realista e Naturalista da literatura brasileira. Nasceu em 1863 em Angra dos Reis (RJ) e faleceu no ano de 1895 na cidade do Rio de Janeiro, após suicídio com 32 anos de idade. Para Bosi (2008, p. 184) “Raul Pompeia era artista, e artista cômico do seu ofício de plasmador de signos”; nota-se que, para Bosi, destaca-se a habilidade artística do escritor em construir símbolos.

Em sua infância, sendo de uma família católica, foi batizado com um ano de idade (Capaz, 2001). Desde cedo é possível notar o contato de Pompeia com a religião católica, mediante seus familiares.

Sua família, antes residente em Angra dos Reis, se muda para o município da Corte, para que os filhos pudessem ter um futuro melhor com uma vida social mais rebuscada com vistas a certa ascensão social (Capaz, 2001). Aos dez anos, Pompeia foi matriculado como

interno no Colégio Abílio onde foi redator e ilustrador do jornal “O Archote”. Segundo Capaz (2001), Pompeia alcançou um lugar de destaque em seus estudos neste colégio:

Quando ingressou no Colégio Abílio, aos dez anos de idade, Abílio César Borges anotou no boletim de Raul Pompeia: “É menino de grandes conquistas”. Tal conceito confirma a visão de grande educador, já que dois anos mais tarde, ainda menino, ele começava a fazer os exames preparatórios para ingressar no ensino superior, saindo aprovado com distinção em português, e também em francês e em inglês, no ano seguinte. (Capaz, 2001, p. 35).

Posteriormente, foi matriculado no Colégio Dom Pedro II, também no Rio de Janeiro, onde obteve a conclusão de seus estudos secundários.

Segundo Capaz (2001):

Os primeiros tempos de internato deixaram-lhe marcas profundas. Terá sido terrível o seu relacionamento com mestres e bedéis, com os quais tinha pegadas contínuas. O mesmo se pode dizer em relação aos colegas, no ano de sua entrada para o internato, quando sua personalidade amorfa vagava sem rumo, à procura de arrimo, sem forças para reagir e afirmar-se, à mercê de influências deletérias e sofrendo agressões de todo o tipo por parte de colegas perversos. Tudo se modifica, entretanto, no seu segundo de escola, quando vemos o menino Sérgio, aí plenamente identificado com o Pompeia adolescente, fazendo valer sua orgulhosa independência, escolhendo aqueles que queria como amigos e melhorando inclusive seu desempenho nas disciplinas do curso. O jornalzinho manuscrito *O Archote*, redigido por ele no Colégio Abílio, além de comprovar tal reviravolta, esclarece-nos sobre suas discordâncias em relação à direção da escola, revelando-nos ainda a sua capacidade de liderança e autonomia de vontade que começava a alardear. (Capaz, 2001, p. 17).

Devido a essas experiências como aluno interno de colégios para meninos, a obra *O Ateneu* é compreendida como um romance autobiográfico, que narra a sua experiência no Colégio Abílio no Rio de Janeiro, ainda que segundo Capaz (2001) não seja apenas do colégio Abílio.

Ao longo de sua vida adulta, o autor teve uma fértil carreira literária, escrevendo jornais, romances ou poemas. O autor teve vínculo com vários periódicos ao longo de sua carreira. Em 1881, cursou Direito na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo e, nessa experiência, participou de movimentos com ideias republicanas e abolicionistas. Em 1883, transferiu-se para a Faculdade de Direito do Recife onde terminou o curso; neste local teve mais contatos com as ideias republicanas e abolicionistas. Sua carreira, entretanto, não foi dedicada a exercer o Direito; Pompeia se dedicou ao jornalismo e à política. O autor desenvolveu sua atividade jornalística com muito afinco e em favor da mudança do regime político do país. No ano de 1888, passou a escrever no periódico “Gazeta de Notícias”. Em 1890 assumiu o cargo de secretário da Academia de Belas Artes e, em 1891, passou a lecionar na Escola Nacional de Belas Artes.

Após a Proclamação da República (1889) se tornou um defensor de Floriano Peixoto escrevendo a respeito dele, o que lhe causou um isolamento político. Devido ao seu

posicionamento e o seu discurso no funeral de Floriano Peixoto em junho de 1895 – que foi visto como um desacato ao presidente vigente Prudente de Moraes – foi demitido do seu trabalho na Biblioteca Nacional – emprego que havia sido admitido em 1894. Devido às posteriores pressões políticas e as indiferenças que sofreu dos jornais vendo seus escritos não serem publicados, se tornou descontente com a vida, cometendo suicídio no dia 25 de dezembro de 1895.⁷

Entre suas obras se destacam-se: Uma tragédia no Amazonas (1880), A queda do governo (1880), Microscópicos (1881), Canções sem metro (1882), As joias da coroa (1882) e O Ateneu (1888). Sua obra mais conhecida da literatura brasileira é O Ateneu (1888), consagrando o autor no campo da literatura brasileira. Em suas obras é possível perceber o vocabulário rico, as narrativas longas e detalhadas, os traços psicológicos dos personagens, linguagem objetiva e impessoal, descrições objetivas entre outros. Destes aspectos, alguns são perceptíveis n'O Ateneu como o vocabulário rico, narrativa longa e detalhada, traços psicológicos dos personagens dentre outros. O livro, entretanto, é escrito em primeira pessoa a partir da narração do protagonista Sérgio e não como uma linguagem impessoal que é um dos traços de escrita do autor.

4.2 As edições d'O Ateneu: explorando a materialidade da obra

O Ateneu inicialmente foi publicado em forma de folhetim no jornal Gazeta de Notícias, tendo seu primeiro capítulo saído a lume em 8 de abril e o último em 18 de maio do ano de 1888. As imagens abaixo apresentam o primeiro e o último capítulo publicados pelo jornal Gazeta de Notícia do Rio de Janeiro.

Segundo Capaz (2001), antes da publicação da versão definitiva do romance, houve uma versão primitiva existente na Biblioteca Nacional e abandonada na versão definitiva. Na versão primitiva existiriam algumas diferenças como manuscritos de Pompeia a respeito da morte de seu pai, ou mesmo detalhes do enredo como a idade do ingresso de Sérgio no colégio. A publicação do romance no jornal aconteceu com a utilização da versão definitiva.

⁷ Algumas das informações biográficas foram encontradas na edição d'O Ateneu de 1973 da editora Três.

Imagem 10 – Primeira publicação de O Atheneu, de Raul Pompeia no Jornal Gazeta de Notícias em 8 de abril de 1888 (capítulo I) com destaque em vermelho.



Fonte: Site da Hemeroteca Digital.

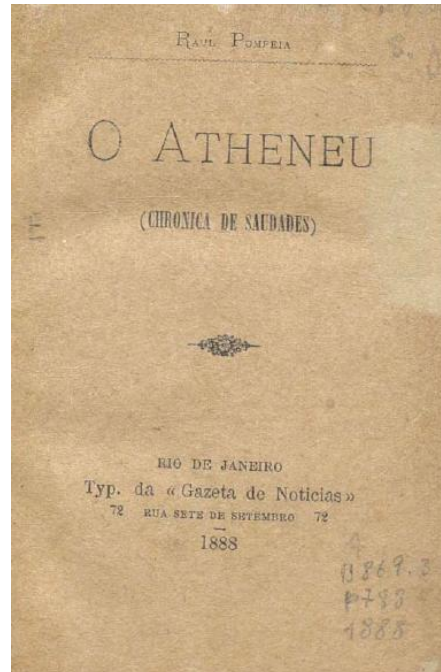
Imagem 11 – Publicação do último capítulo de O Atheneu, de Raul Pompeia no Jornal Gazeta de Notícias em 19 de maio 1888 com destaque em vermelho.



Fonte: Site da Hemeroteca Digital.

A primeira edição impressa em livro d'*O Ateneu*, de Raul Pompeia, também foi publicada pelo jornal *Gazeta de Notícias*, em 1888. Esta edição é a primeira versão completa e encadernada da obra, reunindo os capítulos previamente serializados no jornal, conforme pode ser vista na imagem abaixo.

Imagem 12: Capa da primeira publicação em livro da obra *O Ateneu* pela tipografia da *Gazeta de Notícias*, em 1888



Fonte: Senado Federal.

Neste ano de 2025, a obra completa 137 anos da primeira publicação e, mesmo depois de um século, continua a ser impressa e reimpressa. Maapei as edições do livro e abaixo apresento um quadro contendo as publicações e reimpressões da obra que localizei até o momento. Organizei as informações separando as edições de acordo com as editoras.

Quadro 1 – Publicações do livro *O Ateneu* de Raul Pompeia em diversas editoras

Editora	Ano de Publicação de edições
Gazeta de Notícias (RJ)	1888
Francisco Alves	1905
Câmara Brasileira do Livro	1954
Melhoramentos	1963, 1967, 2020
Biblioteca Universal Popular (BUP)	1963

Ediouro	1965, 1995, 1997, 1998,
Saraiva	1969, 2009
Ática	1973, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1984, 1986, 1989, 1990, 1991, 1994, 1996, 1997, 1998, 2004, 2007, 2010, 2012, 2019
Abril	1973, 1981
Três	1973
Cultrix : INL	1976
Moderna	1983, 1984, 1991, 1992, 1994, 1995, 1996, 1997
Escala	1984
Três Livros e Fascículos	1984
Paulus	1988, 2004, 2005
Círculo do Livro	1988
Estadão	1997, 1999, 2005, 2009
Globo	1997
Klick	1997, 1999
Scipione	1998, 1999, 2003, 2004, 2020
Atelie Editorial	1999, 2006
Vozes	2002
Nova Cultural	2003
Companhia Nacional	2004, 2008
Martin Claret	2004, 2013, 2022
Avenida	2005, 2006,
Fundação Biblioteca Nacional	2007
Ciranda Cultural	2007, 2009, 2017, 2021
Komedi	2008
Harbra	2009
Nobel	2010
Escala Educacional	2010
Valer	2010
Nova Passárgada	2011
Montecristo	2013

Penguin-Companhia	2013
Zahar	2015
Moderna Literatura	2018
Vozes de bolso	2018
Hedra	2020
Pé de Letra	2020
Via Leitura	2021
Todolivre	2021
Chafariz	2021
Editora Unesp	2022
Panda Books	2022
Landmark	2023

Fonte: Produzida pela autora

Os dados encontrados no quadro são frutos de buscas em sebos virtuais, lojas *online* e da biblioteca digital Athena da UNESP. É válido pontuar que contabilizei no quadro apenas as edições que obtive mais detalhes, sendo possível haver mais edições do que as apresentadas. Outro ponto a ser destacado é que no quadro as edições e reimpressões são apresentadas simultaneamente devido à falta de informações mais precisas sobre as mesmas.

A obra literária tornou-se domínio público no Brasil em 1955. Pompeia faleceu em 1895, e, de acordo com a legislação brasileira de direitos autorais vigente na época, os direitos autorais das obras perduravam por 60 anos após a morte do autor. É possível perceber que posteriormente a década de 1950, o livro foi impresso e reimpresso diversas vezes conforme é possível visualizar no quadro acima. O livro pode ser encontrado e baixado gratuitamente pelo Portal do Domínio Público.

As edições da obra variam em diversos aspectos de acordo com a proposta da editora. As diferenças são de cunho estético, tipográfico, ortográfico, de material utilizado para a impressão. Ao pensar na publicação inicial, o folhetim, é preciso destacar as suas características. Foram publicações diárias, dividindo os 12 capítulos em publicações que duraram aproximadamente 2 meses, começando em abril e terminando em maio; o seu público-alvo seriam pessoas da sociedade que tinham acesso aos jornais e que sabiam ler – nem todas as pessoas da sociedade oitocentista tinham acesso à instrução ou aos periódicos.

As estratégias editoriais engendram, portanto, de maneira despercebida, não uma ampliação progressiva do público do livro, mas a constituição de sistemas de apreciação que classificam culturalmente os produtos da imprensa, fragmentando o

mercado entre clientelas supostamente específicas e desenhando fronteiras culturais inéditas (Chartier, 2003, p. 129).

Chartier (2003) reflete que as estratégias editoriais estão relacionadas a fragmentação e delimitação do mercado e público alvo escolhido. As impressões e materiais utilizados visavam as distintas clientelas, com seus usos e circulações que não seriam para todos os grupos da sociedade.

É preciso pensar nas especificidades de cada edição. A edição publicada pelo folhetim, não apresenta as mesmas características da primeira publicação em livro, ou da edição mais atual. As publicações em formato de livro diferem de publicações periódicas em jornais ou revistas. É preciso pensar em cada público-alvo e em cada estilo de editora. Ainda que não seja o objetivo da pesquisa, vale a pena pensar e questionar sobre o nicho editorial específico das editoras. Possivelmente as editoras que tiveram mais edições assim foi porque alimentaram mais o seu público-alvo. Por exemplo, as editoras Ática, Scipione e Moderna publicam material escolar e pedagógico alimentando o público da Educação Básica brasileira, possivelmente publicaram mais a obra *O Ateneu* seguindo a demanda do nicho editorial. É possível compreender essa relação a partir do que reflete Bittencourt (2008):

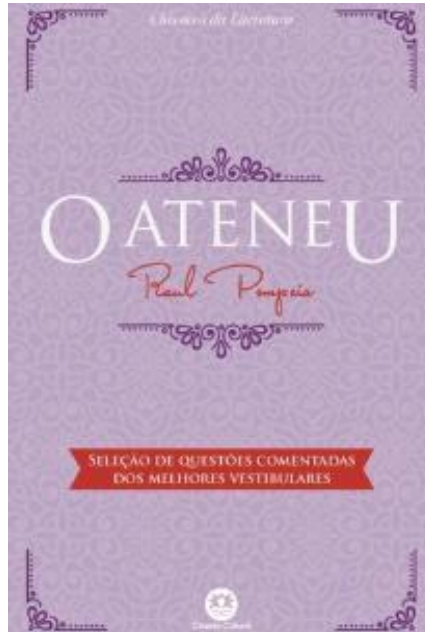
Outro grupo de materiais didáticos é constituído pelos denominados documentos. Os educadores do referido centro de pesquisa denominam assim todo o conjunto de signos, visuais e textuais, que são produzidos em uma perspectiva diferentes dos saberes das disciplinas escolares e posteriormente passam a ser utilizados com finalidade didática. Os documentos, diferentemente dos suportes informativos, foram produzidos inicialmente sem intenção didática, almejando atingir um público mais amplo e diferenciado. Contos, lendas, filmes de ficção ou documentários televisivos, músicas, poemas, pinturas, artigos de jornal ou revistas, leis, cartas, romances são documentos produzidos para um público bastante amplo que, por intermédio do professor e seu método, se transformam em materiais didáticos. Eles não são necessariamente produzidos pela indústria cultural e podem ser selecionados de diferentes formas, de acordo com a opção de trabalho dos professores ou dos projetos pedagógicos da escola. (Bittencourt, 2008, p. 297).

O *Ateneu*, segundo as ideias de Bittencourt (2008), pode ser considerado um “documento” que não necessariamente foi produzido como material didático escolar, mas que pode ser utilizado de forma educacional, e ser, dessa forma, produzido pela indústria cultural para alimentar o público escolar.

Como exemplo das distinções que podem apresentar as edições, pode-se pensar na edição da *Ciranda Cultural* de 2017. Esta edição foi publicada com questões comentadas de vestibulares de universidades prestigiadas pensando no público das pessoas que estudam para a avaliação. Nas páginas finais do livro são apresentadas informações sobre o autor e a contextualização histórica da obra literária, bem como questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), entre outros exames

de vestibular. Esta edição faz parte de uma coleção de obras que foram publicadas em uma versão didática para vestibulares.

Imagem 13 – Edição da obra *O Ateneu* para vestibulares – edição de 2017 pela Ciranda Cultural



Fonte: Pompeia (2017).

Há também a versão da obra em quadrinhos publicada pela editora Melhoramentos em 2020. A obra é feita no estilo de Histórias em Quadrinhos (HQ) pensando no público-alvo infanto-juvenil; é uma versão adaptada que utiliza de diferentes recursos estéticos, imagéticos e linguísticos para a publicação. É uma adaptação da obra com uma nova roupagem utilizando ilustrações coloridas, balões de diálogos entre outros.

Outro exemplo que pode ser dado são as versões digitais como a do Kindle⁸, há o exemplo da editora Zahar que disponibilizou a edição de 2015 na versão Kindle Unlimited trazendo uma nova proposta e um novo público leitor, geralmente um público mais jovem que tem mais acesso às tecnologias.

Imagem 16 – Edição da obra *O Ateneu* disponibilizada no Kindle unlimited



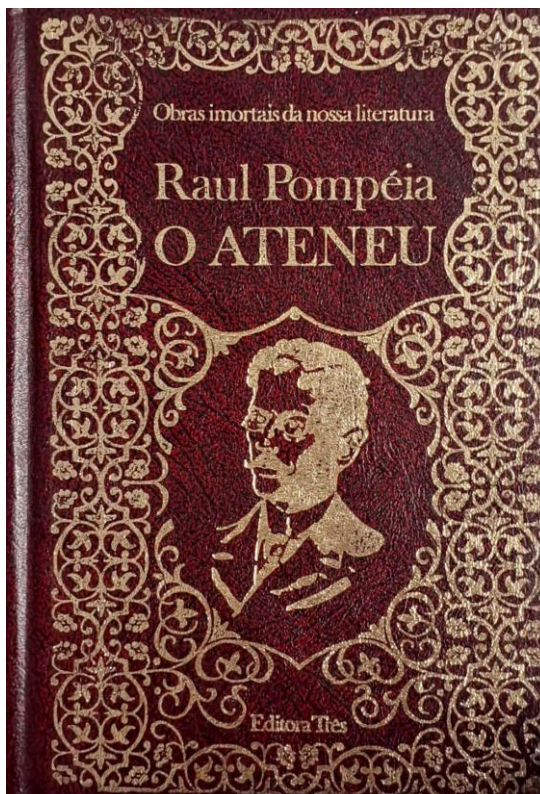
Fonte: Pompeia (2015).

A obra que inicialmente li para conhecer o enredo trata-se da edição produzida pela Editora Três, publicada em 1973, que possuo em minha biblioteca particular. Essa obra tem um aspecto mais “clássico” e antigo ao apresentar capa dura com letras douradas, um tipo de papel mais envelhecido e fazer parte da coleção de “Obras imortais da nossa literatura⁹”. Esta edição também apresenta uma contextualização com informações sobre a vida do autor.

⁸ Leitor de livro digital produzido pela Amazon.

⁹ A coleção "Obras Imortais da Nossa Literatura" foi um projeto desenvolvido e publicado pela Editora Três na década de 1970. Esse projeto visou reunir em uma coleção as obras mais significativas e representativas da literatura brasileira. Há uma grande diversidade de autores e gêneros literários na coleção como romances, contos, poesias e peças de teatro oferecendo uma visão amplificada da produção literária brasileira. A coleção é composta por 50 volumes, dentre os quais aparecem os títulos: *O Ateneu* de Raul Pompeia, *Helena* e *O Alienista* de Machado de Assis, *O crime do Padre Amaro* de Eça de Queiroz, *A moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, *A Carne* de Júlio Ribeiro, *Inocência* do Visconde de Taunay, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães entre outros.

Imagem 17 – Edição de 1973 pela Editora Três



Fonte: Produzido pela autora

A respeito das propostas que diferentes edições podem trazer conforme a materialidade da obra, tipografia, estilo editorial, proposta estética ou público-alvo, Chartier (2022) reflete que:

A “materialidade do texto” designa assim a “função expressiva” das modalidades de inscrição do texto no livro: em primeiro lugar o formato, mas também a disposição do texto, as escolhas gráficas e ortográficas, a pontuação. Essas decisões, seja quem for o responsável, “fazem o texto” — ao menos para os leitores do exemplar de edição em que eles o encontram. É a razão pela qual “formas afetam o sentido”. (p. 20-21 grifos do autor).

Assim, a materialidade do texto pode mudar a forma e o sentido do texto, conforme Chartier (2022) aponta que:

A transformação do formato de publicação de um texto pode modificar o estatuto e o sentido da obra (foi o caso com Castiglione, Shakespeare ou Gracián). Pode também ampliar seu público (particularmente com as edições dirigidas aos leitores populares no século XIX) e mudar seu significado. A partir do exemplo dos usos do formato in-quarto se enfatizam as relações móveis que existem entre uma obra, seus múltiplos textos e seus vários leitores e leituras. Ligam-se assim a materialidade do impresso e a mobilidade do sentido. (p. 10).

A respeito do formato utilizado para a publicação de um texto, o autor reflete que o sentido da obra pode mudar como também o seu público. Ao pensarmos no formato periódico

do folhetim, do formato in-quarto¹⁰ ou mesmo do digital, podemos refletir que os públicos são diferentes bem como o sentido que a obra apresenta e as possibilidades de interpretações,

É pela mobilidade de suas formas que os textos são suscetíveis de reemprego e reinterpretação pelos diferentes públicos que atingem ou constroem. Então, é preciso pensar que essas formas restringem as possibilidades de apropriação das obras por parte dos leitores, mas sem por isso atribuir à materialidade do texto o poder imperioso, absoluto, que a crítica estruturalista atribuía à linguagem. As leituras são sempre situadas em um conjunto de condições de possibilidade definidas em cada momento histórico não somente pela ordem dos discursos e pelos horizontes de expectativa das comunidades de leitores, mas também pela própria materialidade dos textos. (Chartier, 2022, p. 22).

Podemos compreender, dessa forma, que a obra *O Ateneu*, apresenta diversas possibilidades de estudo e compreensão conforme as suas edições e materialidade. Uma das possibilidades de análise da obra, a questão histórico-literária, é a proposta desta pesquisa.

Para mobilizar o conceito de materialidade, descrevo a seguir as três edições a que tive acesso para o desenvolvimento da pesquisa que resultou nesta dissertação. A primeira edição publicada foi em forma de folhetim em que a obra foi publicada diariamente de maneira seccionada juntamente com outros tipos de publicação como propagandas, notícias entre outros no mesmo jornal. Demorou mais dois meses para que toda a obra fosse publicada ao público, possivelmente gerando expectativa para o público que acompanhava as tiragens. Escrita em língua vernácula, a publicação foi organizada de forma que o texto fosse exposto em duas ou três colunas do periódico.

A segunda edição selecionada para a análise é a publicação em formato in-quarto pela Tipografia da Gazeta de Notícias. O texto é organizado em uma coluna por página, facilitando a visualização do texto. O texto é disposto de forma em que o livro na íntegra apresenta 368 páginas sem a presença de textos visuais apenas escritos.

A terceira edição selecionada para a análise é a edição de 1973 pela editora Três. Esta edição também foi publicada em formato in-quarto. Faz parte da coleção *Obras imortais* da nossa literatura organizada pela Editora Três. Nesta edição, inicialmente há uma contextualização da vida e obra do autor facilitando o entendimento do texto literário. Também escrita em língua vernácula, mas com algumas alterações na escrita dos termos devido às mudanças ortográficas ocorridas na língua portuguesa desde o final do século XIX até a década de 1970. Esta edição também organiza o texto em uma coluna e contém 234 páginas.

A obra literária *O Ateneu* será analisada como fonte histórica no que diz respeito às representações do catolicismo no Colégio Abílio no Rio de Janeiro.

¹⁰ Formato de impressão de livro que resulta em um caderno. As folhas podem ser dobradas em dois, formando quatro páginas, ou dobradas em quatro formando oito páginas.

4.3 Apresentação dos aspectos do catolicismo representados na obra

O conceito de representação de Chartier (2002b), como já visto, apresenta a ideia de que as representações são construções do mundo social feitas por indivíduos ou grupos. Por meio das representações, é possível construir socialmente experiências históricas, com recortes temporais e espaciais, sendo intencionalmente manifestas por aqueles que as fazem. As representações, segundo o autor, são importantes para compreender como as sociedades constroem e dão sentido ao mundo, é, portanto, uma prática social. Assim, para mobilizar este conceito, serão apresentados os aspectos do catolicismo representados n’O Ateneu analisando como Pompeia representou sua experiência – baseada em suas memórias – no colégio Abílio no Rio de Janeiro. Ao refletir sobre a vivência de Sérgio no colégio, Capaz (2001, p. 118) destaca que o protagonista era “submetido aos padrões seminaristas do colégio”. Ainda que o colégio não fosse oficialmente confessional, era rigoroso e sistemático ao ponto de ser compreendido como um padrão de colégio seminarista.

No decorrer do enredo são apresentados episódios da vivência de Sérgio no colégio Ateneu, serão apresentados os momentos em que há a menção do catolicismo e suas liturgias presentes no ambiente escolar para compreender como Pompeia representou-os.

4.3.1 A capela

A capela é um dos elementos presentes do catolicismo sendo o lugar de atendimentos e reservados para pequenos serviços religiosos como orações, cantos entre outros. As capelas são usuais em colégios, universidades, presídios, hospitais, entre outros. Valdez (2006) destaca que, embora os colégios de Abílio fossem laicos, em cada colégio havia uma capela. Pompeia destaca a presença de uma capela no colégio Ateneu sendo um dos lugares de importância dentro da instituição. Sérgio, o protagonista do romance, relembra de vários momentos em que a capela desempenhou uma função importante na vida do colégio ou do próprio protagonista.

O protagonista nas primeiras páginas começa a descrever como conheceu o colégio, e em uma passagem ele cita que foi devido a uma das festas de encerramento do ano letivo. Nesta memória, o protagonista faz menção a uma das grandes salas da frente do edifício que servia de capela e que fora transformada em um anfiteatro para protagonizar a cerimônia festiva. Ao citar isso, o protagonista segue fazendo uma descrição do interior da capela – que naquele

momento era o anfiteatro; descreve a sua arquitetura, sua decoração de cor azul, figuras angelicais, além de citar o luxo das paredes daquele lugar:

A primeira vez que vi o estabelecimento, foi por uma festa de encerramento de trabalhos. Transformara-se em anfiteatro uma das grandes salas da frente do edifício, exatamente a que servia de capela; paredes estucadas de suntuosos relevos, e o teto aprofundado em largo medalhão, de magistral pintura, onde uma aberta de céu azul despenhava aos cachos deliciosos anjinhos, ostentando atrevimentos róseos de carne, agitando os minúsculos pés e as mãozinhas, desatando fitas de gaza no ar. Desarmado o oratório, construíram-se bancadas circulares, que encobriam o luxo das paredes. (Pompeia, 1973, p. 29).

Este, portanto, seria o contato inicial de Sérgio com o colégio e com a capela da instituição. No próximo capítulo, o segundo, Sérgio relata a visita que fez com o seu pai ao colégio, a qual foi guiada pelo próprio diretor Aristarco, tendo passado pela capela durante o percurso “Visitamos o refeitório, adornado de trabalhos a lápis dos alunos, a cozinha de azulejo, o grande pátio interno dos recreios, os dormitórios, a capela [...]” (Pompeia, 1973, p. 44). É interessante notar que desde a visita inicial de Sérgio ao colégio, a capela é destacada como um dos locais significativos da instituição. Nesta mesma visita, Sérgio aponta outro aspecto do colégio:

O edifício fora caiado e pintado durante as férias, como os navios que aproveitam o descanso nos portos para uma reforma de apresentação. Das paredes pendiam as cartas geográficas, que eu me comprazia de ver como um itinerário de grandes viagens planejadas. Havia estampas coloridas em molduras negras, assuntos de história santa e desenho grosseiro, ou exemplares zoológicos e botânicos, que me revelavam direções de aplicação estudiosa em que eu contava triunfar. Outros quadros vidraçados exibiam sonoramente regras morais e conselhos muito meus conhecidos de amor à verdade, aos pais, e temor de Deus, que estranhei como um código de redundância. Entre os quadros, muitos relativos ao Mestre — os mais numerosos; e se esforçavam todos por arvorar o mestre em entidade incorpórea, argamassada de pura essência de amor e suspiros cortantes de sacrifício, ensinando-me a didascalolatria que eu, de mim para mim, devotamente, jurava desempenhar à risca. (Pompeia, 1973, p. 44).

Sérgio cita, nesta passagem, os elementos de decoração que compunham as paredes do colégio e apresenta que havia vários quadros que, com regras morais e “temor a Deus”, além de muitos quadros “relativos ao Mestre”, possivelmente quadros que representassem a figura de Jesus da religião católica. É possível analisar como aspectos do catolicismo permeavam até mesmo a decoração do colégio ficando em posições de destaque como apresentado nesta passagem.

No decorrer do enredo, quando Sérgio começa a ser um estudante interno, ele continua destacando a presença da capela nas atividades corriqueiras como “No Ateneu formávamos a dois para tudo. Para os exercícios ginásticos, para a entrada na capela, no refeitório, nas aulas, para a saudação ao anjo da guarda, ao meio-dia, para a distribuição do pão seco depois do canto [...]” (Pompeia, 1973, p. 59). Nesta passagem ele cita a organização do colégio em forma de

pares para as atividades cotidianas. Sérgio tinha um amigo para desenvolver as atividades acadêmicas bem como para as outras atividades corriqueiras como ir à capela; aqui ele também destaca a “saudação ao anjo da guarda”, outro elemento também da religião católica.

O protagonista conta sobre a influência que a religião católica exercia sobre os colegas interno ao destacar a prática religiosa por alguns deles, como destaca em:

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia — a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beijos sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio... Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! Que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico! E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos. Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas! E eu era feliz nesse tempo, quando invejava o Ribas. (Pompeia, 1973, p. 78).

Aqui Sérgio traz o exemplo de Ribas, um menino do colégio com traços raquíticos que aparentemente era desprezado e ignorado por seus colegas devido a sua aparência, mas, que quando chegava na capela para os momentos de orações se tornava uma figura resplandecente ao olhar. Além de destacar um momento na capela, o protagonista destaca como a religião exercia influência sobre alguns internos. Em outro momento, Sérgio cita também uma breve descrição da capela sendo iluminada pela luz solar. Como visto em Gondra (2004) e Valdez (2006a), as instituições deveriam ser construídas e organizadas de maneira que pudessem contemplar o ideal da medicina higienista que apontava a importância de locais arejados e expostos à luz solar para que houvesse uma boa saúde entre os estudantes.

O sol vinha também à capela e colava de fora a fronte às vidraças, brando ainda do despertar recente, fresco da toilette da aurora, com medo de entrar, corado da vergonha de não rezar, pobre astro ateu. Pelas janelas abertas, esgalhavam-se para dentro frondosas ramas de jasmineiro, como uma invasão de floresta; e os jasmims da véspera, cansados, debulhavam-se conchinhas de nácar pelo soalho, mortos, expirando no ambiente a alma livre do aroma. (Pompeia, 1973, p. 80).

A capela, portanto, seria um local bem iluminado e arejado, em conformidade com o restante da instituição e com o ideal higienista da época.

Ainda que as práticas religiosas fossem cultivadas e desenvolvidas no colégio, nem todos os estudantes se voltavam para a religião; um exemplo é Ribas, citado por Sérgio. O protagonista apresenta um episódio no colégio em que um dos estudantes, Franco, quebrou garrafas e lançou pedaços de vidro na piscina como uma forma de vingança para que os outros estudantes se machucassem. Sérgio confuso e angustiado sobre denunciar o colega ou não, se dirigiu até a capela buscando um sinal de conforto para sua mente aflita:

Desci ao primeiro andar do edifício; entrei na capela. A capela em trevas, de um negrume absoluto de merinó preto. A escuridão dava-lhe uma amplitude de subterrâneo, misteriosamente sentida no espaço. Não tive medo. Fui até ao altar. Tropecei no estrado. Ajoelhei-me no chão e descansei a testa nos braços a um dos ângulos do estrado do oratório. Rezei. Na qualidade de mau estudante não sabia até ao fim nenhuma oração. Rogava por minha conta, improvisando súplicas, veementes, angustiosas, que deviam forçar a ombro a porta de São Pedro. Implorava de Deus diretamente, sem o intermediário empenho da minha padroeira. Até que, não posso dizer como, adormeci. (Pompeia, 1973, p. 91, 92).

É possível perceber nesta passagem que, ainda que Sérgio tivesse buscado conforto na capela, ele não era uma pessoa adepta a religião, de maneira que ele “não sabia até ao fim nenhuma oração”. A capela, entretanto, ocupava este lugar de busca por algum conforto ou simbolizava um lugar de tranquilidade e descanso.

No penúltimo capítulo do livro, Sérgio relata um ocorrido dentro do colégio em que um dos estudantes morreu. O estudante era Franco e, ficando doente, passados alguns dias veio a óbito. Nesta ocorrência, é destacada outra função para a capela do colégio que seria velar o corpo do estudante.

No dia seguinte, um domingo alegre, Franco estava morto. O correspondente compareceu em pessoa para as indispensáveis providências. Transferiu-se o corpo para a capela, onde se erigia a essa. Aristarco chorou; mas o saimento foi modesto; não convinha ao colégio o aparato de um grande enterro, pregão talvez de insalubridade. (Pompeia, 1973, p. 205).

Outra questão destacada nesta passagem é a preocupação do diretor Aristarco de o colégio ser anunciado como insalubre. A doença a qual Franco teve é um mistério, mas, possivelmente foi ocasionada pelas condições de vivência no colégio.

O enredo termina com um incêndio no colégio, incêndio provocado por Américo – um dos estudantes – que mobilizou o corpo de bombeiros, os funcionários, todavia, o colégio foi reduzido às cinzas. No último capítulo, no qual são apresentados o incêndio e o desfecho do colégio, o protagonista cita mais uma vez a capela e as imagens retiradas dela, que no princípio do incêndio, estavam enfileiradas no jardim “assistindo” ao final do colégio:

Nos lugares ainda não alcançados, bombeiros e outros dedicados arremessavam para fora camas de ferro, trastes diversos, veladores, que vinham espatifar-se no jardim, com um fracasso esmagamento. As imagens da capela tinham sido salvas no princípio do incêndio. Estavam enfileiradas ao sereno, à beira de um gramal, voltadas para o edifício como entretidas a ver. A Virgem da Conceição chorava. Santo Antônio, com o menino Jesus ao colo, era o mais abstrato, equilibrando a custo um resplendor desproporcional, oferecendo ante os terrores a amostra de impassibilidade do sorriso palerma, que lhe emprestara um santeiro pulha. (Pompeia, 1973, p. 231).

É interessante analisar como Pompeia trouxe mais uma vez no final da narrativa apontando elementos do catolicismo além de destacar a importância que as imagens católicas tinham naquela instituição para serem as primeiras a serem salvas do incêndio.

4.3.2 Práticas religiosas na rotina escolar

Ao longo da narrativa, Sérgio aponta vários momentos em que o catolicismo se fez presente na rotina escolar e parte do calendário letivo como no trecho em que ele cita as saídas que os estudantes internos tinham possibilidade de usufruir:

Os dias de saída eram de quinze em quinze. Partia-se ao domingo, depois da missa; voltava-se à segunda-feira, antes das nove da manhã. Os dias santos de guarda ocasionavam saídas de véspera. O comissário dos gêneros e despenseiro insistia com o diretor afrouxasse mais o sistema de feriados. (Pompeia, 1973, p. 99).

A missa tinha um lugar de destaque no calendário escolar, sendo outros eventos – como as saídas dos estudantes – marcados após o ritual religioso.

Em outra passagem, o protagonista aponta para os momentos de oração e hinos pela manhã no oratório do colégio. Ele aponta que “depois do banho”, havia esses momentos matinais de recolhimento espiritual:

Quando, no dia primeiro, sorriram as rosas místicas de maio, saudei-as enternecido do alto das janelas do salão azul, como as mensageiras do amor de Maria. Iam começar os hinos pela manhã no oratório do Ateneu. Abençoados momentos de contrição e ternura, em que à disposição venturosa do corpo, depois do banho, vivia um pouco o recolhimento da poesia cristã, no magnífico salão, guardando ainda, como os vapores matinais das escarpas, as últimas sombras da noite por entre os crespos do estuque. O sol vinha também à capela e colava de fora a fronte às vidraças [...] (Pompeia, 1973, p. 80).

Seguindo na próxima página, o protagonista continua citando esses momentos de recolhimento em que havia orações dentro da capela junto às imagens para devoção,

Nós, ajoelhados, ressentidos da influência moral do cenário, orávamos sinceramente. Não havia muito mal a colher nos corações daquela mocidade, naquele instante, repousando na trégua da oração das miseriazinhas da hora comum. Eu não olhava para o altar. Li estava rica, no trono iluminado, sobre três ordens de palmas, a imagem da Senhora da Conceição imaculada, alteando à frente a coroa de prata, onde engastavam pedraria os reflexos das luzes. A minha contrição, o meu canto pertencia a Santa Rosália, ao querido cartão singelo que eu trazia dentro da blusa de brim, que comprimia ao peito com a mão, exacerbando o êxtase da fé pelo magnetismo do santo contato. (Pompeia, 1973, p. 81).

Sérgio aponta que, ainda que estivesse dentro daquele local junto a imagem da Senhora da Conceição imaculada, ele se inclinava mais à devoção de Santa Rosália, devido a razões pessoais que ele traz em outras partes do enredo. O protagonista, portanto, participava destes momentos, mas não se inclinava à devoção da imagem proposta pelo colégio e capela.

No decorrer do enredo, Sérgio faz mais destaques sobre o catolicismo presente nas atividades rotineiras do colégio:

Uma hora de oração que aborrecia era a da noite, antes do recolher. O movimento do dia sobrecarregava-nos com uma reação irresistível de fadiga. O sono chumbava-nos

as pestanas como linhas de tarrafa. O harmônio da capela, dedilhado pelo Sampaio, hoje médico parteiro, e aplicado a extrair vagidos como outrora extraía os acordes — produzia vagarosamente roncões de soneira da sesta de um tigre, fungados sonoros da digestão dormida de um abade. Alguns meninos cantavam cabeceando, desmaiando a voz em vastos bocejos. Nas primeiras linhas, dos pequenos, estavam muitos de olhos fechados, bem longe dos cuidados da prece. Eu gozava o prazer da mortificação, sustendo-me fervoroso durante a reza noturna. (Pompeia, 1973, p. 83).

Esse momento destacado pelo protagonista acontecia no período noturno, momento em que os estudantes, cansados pela rotina escolar diurna, se encontravam na capela para a reza noturna. Ele cita mais uma vez a capela escolar, apontando que alguns meninos dos primeiros bancos desfrutavam rezando de olhos fechados, mas outros acabavam “desmaiando a voz em vastos bocejos” ou “O sono chumbava-nos as pestanas como linhas de tarrafa”. Ele destaca também que esse momento de reza, juntamente com o dedilhado musical feito por um dos estudantes provocava sonolência na maior parte dos meninos, causando o não aproveitamento do momento destinado à reza.

Em outras passagens, Sérgio também cita a participação dos meninos nas missas aos domingos:

Devo, entretanto, à minha efeméride religiosa a maior soma de gratidão. Suavizou-me com a complacência divina o período de vadiação profunda e amolecimento hipnótico com que me pesou a atmosfera do Ateneu. Toda a perseguição de castigos, sem prejuízo da minha delicadeza moral, resvalava pelo cilício da penitência; e emergia forte das provas. Que tranquilidade, na apatia, ter por fiador a Deus! Íamos à missa nos domingos. Todos abriam os livrinhos, para que o diretor os visse atentos. Eu não abria o meu. Deixava apenas fugir-me o espírito para o alto e aderir à abóbada como as decorações sagradas, ajustar-se estreitamente nos detalhes da arquitetura do templo como o ouro sutil dos douradores, conservar-se lá em cima, ávido ainda de ascensão, ambicioso de céu como a bafurada dos turibulos. (Pompeia, 1973, p. 95).

Aqui o protagonista relata como se davam as missas aos domingos: os estudantes iam, abriam seus livros da missa, contudo, não com uma devoção sincera apenas para que “o diretor os visse atentos”. Ele relata que ele não abria seu livro, e que deixava sua mente divagar ao olhar para a arquitetura do prédio e suas decorações. É notório perceber que o protagonista participava dessa rotina escolar, contudo sem se apropriar inteiramente da cultura religiosa católica proposta pelo colégio.

Em outra passagem, Sérgio aponta para o momento em que eles cantavam o “hino do anjo da guarda” (Pompeia, 1973, p. 82):

Durante o hino do anjo da guarda, no recreio abrigado, ao meio-dia, os estudantes, afogueados e transpirando ainda dos folguedos, paletós empapuçados sobre a cinta de couro, cabelos revoltos, não tomavam o rito a sério, e era a dureza dos vigilantes que os constrangia ao respeito daqueles dez minutos de religião. Só o Ribas e eu... e se não diminuía as aflições da terra e os nossos apertos, não é que o não pedíssemos ao Anjo... Cantávamos a primeira estrofe (o Ribas marcava o diapasão) e as seguintes, até à última, que acabavam todas por uma longa nota esfusiada em foguete, cantávamos com um esforço de adoração que bem compensaria, em caso de balanço, a leviandade irreverente de todos os colegas. (Pompeia, 1973, p. 82).

Ele destaca que esse momento destinado a cantar o hino acontecia no momento do recreio ao meio-dia, o protagonista destaca que aqueles “dez minutos de religião” não eram levados a sério por todos, a maioria dos estudantes eram irreverentes em relação ao momento, entretanto, naquele período de sua vida escolar ele e outro colega, o Ribas, se dedicavam. É uma passagem que coloca esse momento religioso na rotina escolar.

Em outro trecho das memórias de Sérgio, ele apresenta seu sentimento em relação à religião católica e à sua prática:

Comecei a achar a religião de insuportável melancolia. Morte certa, hora incerta, inferno para sempre, juízo rigoroso; nada mais negro! Era cedo demais, para que eu pudesse pesar filosoficamente a revelação; encontrei, todavia, embaraço invencível no ritual das cerimônias. Eu que, nos melhores dias, não conseguira formular literalmente uma só prece do catecismo, esbarrei definitivamente, na prescrição fastidiosa do preceito. Ir à missa, muito bem; mas o resto e ainda mais a dependência dos senhores ministros do culto... Em duas palavras: a sacristia e o inferno, prováveis escândalos e horrores inevitáveis, desgostaram-me de tudo. Demais, eu tinha por vezes tentado dar boa conta, estudando um pouco e rezando muitíssimo, com um pequeno jejum ainda por cima; ao dia seguinte, nota má! Era um descrédito para o favor divino. Que custava à suma Onipotência modificar em lição sabida uma ignorância sofrível, como transmutara em fartura sem conta uma miséria de cinco pães? (Pompeia, 1973, p. 98).

O protagonista destaca seu desgosto em relação à religião, pensando no enrijecimento da mesma em seus princípios dualistas. Ele também evidencia a sua ignorância em saber uma prece que fosse do catolicismo. Ainda que aponte a rotina escolar com os rituais religiosos como ir à missa, o protagonista salienta seu desagrado em relação às práticas religiosas. Ainda que participasse dos eventos na rotina escolar, ele destaca que “todavia, embaraço invencível no ritual das cerimônias”. Sérgio participava das atividades religiosas como um estudante do colégio e não como um devoto da religião.

Em outro trecho, sobre a doutrina cristã, Sérgio aponta que “O catecismo começou a infundir-me o temor apavorado dos oráculos obscuros. Eu não acreditava inteiramente. Bem pensando, achava que metade daquilo era invenção malvada do Sanches” (Pompeia, 1973, p. 65), mais uma vez manifestando o seu descontentamento em relação à religião.

4.3.3 Religião católica como conteúdo curricular

No capítulo 3 da obra, Sérgio relata um pouco sobre a rotina escolar, algumas atividades corriqueiras do dia a dia como atividades de monitoria, momentos de estudo, entre outros. Neste capítulo, ele relata algumas disciplinas estudadas no colégio como geografia, gramática, história, tabuada e desenho linear e sua relação com cada uma delas. Com algumas disciplinas

ele teria mais facilidade que com as outras; algumas ele gostava mais do que as outras. Além disso, destaca a história santa e a doutrina cristã que era apresentada como um conteúdo curricular no colégio:

A história santa revelou-me este épico, quem o diria? — o cônego Roquette! E eu bebi a embriaguez musical dos capítulos como o canto profundo das catedrais. Ouvi suspirar a Crença, o idílio do Éden, o amor primitivo do Gênesis, invejado dos anjos, sob o olhar magnânimo dos leões; ouvi a queixa terna do primeiro par banido para a dor, para o trabalho; Adão vergonhoso, vestindo as parras da primeira pruderie, Eva a envolver a nudez jovem de lírios na túnica de ouro das madeixas, cobrindo com as mãos o ventre, obscenidade das mães, estigmatizada pela maldição de Deus. [...] A epopéia agonizava ao rodar do século, ecoava numa caverna onde havia um túmulo; bradava triunfo um momento pela Ressurreição do Justo; morria, enfim, lento, lento com a prece dos mártires do anfiteatro, com a longínqua prece subterrânea dos refugiados das Catacumbas. (Pompeia, 1973, p. 64).

Após fazer uma breve apresentação da história cristã apresentada na Bíblia, Sérgio segue destacando que:

A doutrina cristã, anotada pela proficiência do explicador, foi ocasião de dobrado ensino que muito me interessou. Era o céu aberto, rodeado de altares, para todas as criações consagradas da fé. Curioso encarar a grandeza do Altíssimo; mas havia janelas para o purgatório a que o Sanches se debruçava comigo, cuja vista muito mais seduzia. E o preceptor tinha um tempero de unção na voz e no modo, uma sobranceira de diretor espiritual, que fala do pecado sem macular a boca. Expunha quase compungido, fincando o olhar no teto, fazendo estalar os dedos, num enlevo de abstração religiosa; expunha, demorando os incidentes, as mais cabeludas manifestações de Satanás no mundo. Nem ao menos dourava os chifres, que me não fizessem medo; pelo contrário, havia como que o capricho de surpreender com as fantasias do Mal e da Tentação, e, segundo o lineamento do Sanches, a cauda do demônio tinha talvez dois metros mais que na realidade. Insinuou-me, é certo, uma vez, que não é tão feio o dito, como o pintam. (Pompeia, 1973, p. 65).

É possível visualizar que dentro do colégio Sérgio acaba tendo um contato direto com textos bíblicos e católicos, além de desenvolver o conhecimento no catecismo católico durante aulas ministradas na instituição.

Inicialmente, o protagonista demonstrou certo interesse pelo aprendizado do catecismo como disciplina a ser ministrada no colégio, ele cita o professor e sua forma de ensinar e também menciona outro colega, o Sanches, que lhe fazia impressões sobre a religião católica, seguindo no trecho ele continua ponderando a respeito:

O catecismo começou a infundir-me o temor apavorado dos oráculos obscuros. Eu não acreditava inteiramente. Bem pensando, achava que metade daquilo era invenção malvada do Sanches. E quando ele punha-se a contar histórias de castidade, sem atenção à parvidade da matéria do preceito teológico, mulher do próximo, Conceição da Virgem, terceiro-luxúria, brados ao céu pela sensualidade contra a natureza, vantagens morais do matrimônio, e porque a carne, a inocente carne, que eu só conhecia condenada pela quaresma e pelos monopolistas do bacalhau, a pobre carne do beef, era inimigo da alma; quando retificava o meu engano, que era outra a carne e guisada de modo especial e muito especialmente trinchada, eu mordida um pedacinho de indignação contra as calúnias à santa cartilha do meu devoto credo. Mas a coisa interessava e eu ia colhendo as informações para julgar por mim oportunamente. (Pompeia, 1973, p. 66).

É possível visualizar o misto de sentimentos em relação à esta doutrina, ora a incredulidade, ora a colheita de informações da doutrina por parte do protagonista. Como visto em Capaz (2001), Sérgio teve seus momentos de devota a Santa Rosália, compreendido como um “surto religioso”, mas que passaram rapidamente (Capaz, 2001, p. 109). Neste trecho d’*O Ateneu* citado acima, é possível notar que não apenas por meio dos professores que a doutrina era dada ao conhecimento, o protagonista cita seu colega de escola, Sanches, que também apresenta, a seu modo, seu entendimento em relação à doutrina. É compreensível que o protagonista possivelmente teve sua visão religiosa deturpada mediante o ensino dos colegas. Entretanto, na maior parte das vezes em que a religião católica é citada ou elementos vinculados a ela, há certo descontentamento por parte do protagonista.

No decorrer do enredo, é possível notar como o personagem, em vários momentos, teve contato com a religião católica dentro do colégio. O colégio, embora não confessional, estava vinculado à religião apresentando em seu calendário, rotina escolar e disciplina curricular. O protagonista descreve que as atividades faziam parte da cultura escolar do colégio, promovendo práticas religiosas para os estudantes.

4.3.4 Outras experiências e vivências religiosas dentro do colégio

Em outras passagens do enredo são apresentadas cenas em que aspectos da religião católica foram presentes no colégio Ateneu. A primeira vez que o menino Sérgio viu o colégio foi em uma festa de encerramento dos trabalhos. Durante a cerimônia, um dos professores, o Venâncio, tomou a palavra para discursar e, Sérgio relata que:

Um discurso principalmente impressionou-me. À direita da comissão dos prêmios, ficava a tribuna dos oradores. Galgou-a firme, tesinho, O Venâncio, professor do colégio, a quarenta mil-réis por matéria, mas importante, sabendo falar grosso, o timbre de independência, mestiço de bronze, pequenino e tenaz, que havia de varar carreira mais tarde. O discurso foi o confronto chapa dos torneios medievais com o moderno certame das armas da inteligência; depois, uma preleção pedagógica, tacheada de flores de retórica a martelo; e a apologia da vida de colégio, seguindo-se a exaltação do Mestre em geral e a exaltação, em particular, de Aristarco e do Ateneu. “O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentado no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na Terra; escolta-nos assíduo como um anjo da guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito, é a força que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família, é o amor no lar, o estado é a segurança civil; o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco — Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus — Aristarco.” Um último gesto espaçoso, como um jamegão no vácuo, arrematou o rapto de eloquência. (Pompeia, 1973, p. 30-31).

Neste discurso pronunciado pelo professor, é possível visualizar como sua fala foi permeada por aspectos do catolicismo ao citar a “Providência na terra”, o “anjo da guarda”, a “exaltação do Mestre” e, ao final sua fala termina proclamando “Acima de Aristarco – Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus – Aristarco”. Essa fala permite constatar como o catolicismo estava imbricado na vida do colégio ao transparecer a devoção e a convicção de fé no discurso de uma cerimônia estudantil. Além disso, é citada a moralidade do colégio ligada à religião e à figura de Aristarco, que era visto como uma autoridade de maior respeito.

Outro trecho em que mostra mais um aspecto do catolicismo na instituição é a passagem em que Sérgio, ao lembrar do período em que estudava para os exames, cita um dos professores que o ajudaram a compreender o latim:

Graças ao estudo do outro ano, alcancei sofrivelmente o meu atestado de vernaculismo, garantido pela competência oficial; graças também às tinturas do latim, em que me iniciara o padre-mestre Frei Ambrósio, respeitável, de nariz entupido, gesticulando com o Alcobaca, rezando a artinha com a entonação oca e funda das missas contadas, consumidor de rapé por um convento, culpado, assim, de cheirar-me ainda hoje a Paulo Cordeiro o magnífico *idioma do qui, quoe, quod*, e produzir-me espirros uma simples reminiscência de Salústio. (Pompeia, 1973, p. 183).

Neste trecho é possível perceber que haviam figuras religiosas dentro da instituição como o caso do "padre-mestre Frei Ambrósio", embora nesta situação o professor o ensinava latim, mas, carregando consigo as influências da sua função como padre.

Em outra passagem, Sérgio relata uma das atividades do Ateneu durante o ano letivo que eram as procissões, o protagonista aponta:

O Ateneu concorria para o brilhantismo das procissões. Eu me embrulhava amplamente na opa, encarnada como os sacrifícios, que me podia enrolar três vezes: empunhava uma tocha que me martirizava os dedos com os pingos ardentes de cera. E lá ia, cobiçando ainda a força lombar dos mascates para ter às costas, eu só, aqueles pesados andores; invejando o garbo ao presidente da Filarmônica particular Prazer do Rio Comprido, que vinha após no préstito, com o estandarte S.P.M.P.R.C., e o punho atlético de um equilibrista de perchas para levar correto e rijo os balançados guiões. Com que tristeza, ao entrar a procissão, quando o diretor nos mandava seguir para o colégio, com que tristeza não espiava de longe, pela porta, o interior flamejante do templo! Lá ficava a festa de Deus... e nós para o Ateneu soturno, em marcha inexorável! Eu sacudia a cabeça com desespero; não podia sofrer a privação daquela alegria, gozar na alma a orgia de fogo dos altares, subir com o pensamento, degrau, degraus, ao trono cintilante, arrojando-se para cima na escalada da Glória. (Pompeia, 1973, p. 96).

O protagonista destaca esse momento de procissão que mobilizava todos os estudantes e segundo a ordem do diretor em um dado momento eles voltavam para o colégio, deixando para trás a “festa de Deus”. É possível compreender essa atividade como comum ao colégio dado que Sérgio, no início de sua fala, destaca “O Ateneu concorria para o brilhantismo das

procissões [...]” (Pompeia, 1973, p. 96). Esta é mais uma das experiências de cunho religioso a qual os estudantes eram submetidos dentro da instituição.

4.4 Discussões sobre as representações do catolicismo n’*O Ateneu*

Para as discussões sobre as representações do enredo de Pompeia, além de utilizar autores como Chartier (2000), Pesavento (2008), Meneses (1992), Foucault (2001), Nora (1993), já apresentados nas outras seções, pode-se utilizar do conceito de escola como memória de Benito (2017). Ao pensar na escola como memória, Benito (2017) reflete que:

Alguns elementos que conformam nossa memória permanecem estáveis em boa medida, porém muitos dos conteúdos arquivados se deformam, vez por outra, no complexo caleidoscópio dos jogos de espelhos a que se veem submetidos. Talvez por isso, os rios, quando querem orientar, ou melhor, reorientar o seu sentido, se acalmam e sossegam no contínuo devir de suas águas e, inclusive, às vezes correm para trás, para suas fontes (assim pensou o poeta), em busca das origens, nas quais podem reencontrar as raízes primordiais da experiência vivida, essenciais para continuar de forma coerente o rumo traçado. (Benito, 2017, p. 185).

Esta ideia apresentada por Benito (2017) de que a memória se torna algo dinâmico e fluido concilia com a reflexão de Nora (1993) ao refletir que a memória:

[...] é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável e todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

É preciso pensar que as representações de Pompeia tiveram como inspiração a sua memória escolar, e, portanto, ele pôde deformá-las, revitalizá-las e manipulá-las, conforme as revisitava para a escrita.

Ainda refletindo sobre a memória escolar, Benito (2017) segue dizendo que:

[...] a memória assume um papel determinante na construção "cultural" dos sujeitos que se educam, dos espaços destinados a abrigar sua formação, dos tempos em que se articulam os ritmos ritualizados da vida das instituições educativas, bem como dos conteúdos e modos com que se regula a sociabilidade pedagógica e o próprio governo da escola. A memória, definitivamente, é um componente estruturador de toda a cultura da escola, e esta, por sua vez, da construção da subjetividade. Justamente por isso, os exercícios relacionados com a recordação do passado biográfico, no que se refere à etapa da escolarização obrigatória, assumem um papel tão significativo na consolidação do relato narrativo da vida das pessoas e do imaginário dos coletivos humanos. (Benito, 2017, p. 185).

Assim, Pompeia, a partir das suas memórias, constroi o seu enredo representando facetas da cultura escolar do Colégio Abílio, e, ao pensar nos aspectos do catolicismo representados na obra literária pode-se fazer algumas reflexões.

Nos fragmentos das subseções anteriores apresentei os aspectos do catolicismo representados no enredo de Pompeia. Embora aspectos da religião católica fossem

constantemente citados no decorrer da obra, os trechos apresentados e agrupados por elementos em comum são os que compreendi como mais proveitosos para as discussões.

Inicialmente, é preciso pontuar que não foram encontradas informações concretas a respeito da religiosidade de Pompeia na vida adulta. Ele foi criado em uma família católica e também batizado na Igreja Católica em sua infância conforme apresentado em Capaz (2001), entretanto, não há informações precisas a respeito da religiosidade de Pompeia em sua vida posterior. Assim, ao representar os aspectos do catolicismo em sua obra, é possível que ele estivesse fazendo uma crítica a religião que era a oficial do império brasileiro, tendo em vista que seus ideais se inclinavam mais às questões republicanas.

Para analisar as representações, é possível utilizar o conceito da cultura escolar por Julia (2001) e dos rituais escolares proposta por Pintassilgo e Pedro (2013). Sobre a cultura escolar, Julia (2001) reflete a cultura escolar, deve ser estudada e analisada como um fenômeno dinâmico e diversificado. Este autor reflete que a escola não apenas transmite conhecimentos propostos em seus currículos e programas, mas que também constroi subjetividades e consolida comportamentos que propiciam o delineamento da sociedade. Essa cultura escolar segundo Julia (2001, p. 2) “permite a transmissão desses conhecimentos e a incorporação de comportamentos”. Julia reflete que “[...] o colégio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de habitus [...]” (Julia, 2001, p. 22).

Julia (2001) conceitua a cultura escolar como um conjunto de normas (regulamentos da instituição, códigos de conduta e punições), rituais e práticas (atividades cotidianas como cerimônias, exames, avaliações e organização do tempo escolar), valores e saberes escolares (a estruturação das disciplinas e os conteúdos ensinados). Em suas palavras, a cultura escolar é compreendida:

[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (Julia, 2001, p. 10).

Segundo o autor, esses aspectos dentro de uma escola são os que regulam a vida dentro da instituição. A cultura escolar, portanto, não deve ser compreendida apenas a partir dos documentos oficiais que organizam a instituição, mas a partir de todos os aspectos que estão presentes dentro do ambiente educacional. O autor reflete algumas possibilidades de análise das normas e práticas da cultura escolar:

Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a

utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades [...] (Julia, 2001, p. 11).

O autor reflete que para analisar a cultura escolar, é preciso levar em conta aspectos da sociedade a qual ela está inserida, ao pensar nos “modos de pensar e de agir” do contexto social, para compreender de forma ampla a cultura escolar de determinada realidade. Assim, ao pensar e analisar os aspectos do catolicismo representados no enredo d’*O Ateneu*, é preciso ter em mente esta religião como oficial do Império brasileiro e como ela era amplamente disseminada na sociedade oitocentista.

A respeito dos rituais escolares, Pintassilgo e Pedro (2013) reflete que “Os rituais impregnam toda a vida escolar nas suas diversas dimensões, em articulação com o espaço, o tempo, a organização pedagógica e a materialidade escolar” (Pintassilgo; Pedro, 2013, p. 119). Os autores refletem que os rituais escolares vão além das rotinas escolares e que:

Esse sistema surge como finalidade expressa a integração e o controle social, mas surge também, por vezes, como um campo de disputas e de resistência, de que são exemplos os rituais tendo em vista a consecução da ordem e do silêncio na escola [...]. (Pintassilgo; Pedro, 2013, p. 120).

Segundo os autores, o sistema de rituais escolares:

inclui, assim, gestos e posturas corporais, movimentos e formas de organização, discursos e práticas diversas, envolvendo os atores, remetendo-os para algo transcendente (crenças, valores, conhecimentos) e projetando a sua transformação em comunidade. Os símbolos, rituais, coreografias, cerimônias, celebrações, liturgias ou mitos são pares integrante da cultura escolar, surgindo em estreita articulação com a gramática específica que a define, e dão corpo a um projeto ideal de transformação da criança e do jovem em aluno ou escolar [...] (Pintassilgo; Pedro, 2013, p. 120).

A ideia de cultura escolar e sistema de rituais escolares proposto pelos autores supracitados viabiliza a análise das representações que Pompeia construiu em seu enredo.

No enredo d’*O Ateneu* é possível analisar que Pompeia representou a religião como algo intrínseco ao colégio, influenciando práticas cotidianas, permeando o currículo escolar e induzindo os estudantes à devoção e à prática religiosa. Pompeia representou a cultura escolar (Julia, 2001) do colégio Abílio ao escrever o enredo d’*O Ateneu*. Pompeia não focou apenas no regulamento oficial do colégio como as normas ou regras oficiais, o escritor tocou nas práticas cotidianas da instituição.

Em muitas passagens foi possível compreender que Pompeia representou essas memórias da religiosidade na instituição como uma religiosidade imposta, arbitrária e rigorosa dentro da cotidianidade do colégio, ainda que não fosse obrigatória a religião na instituição. Pompeia representou a religião católica na instituição como um sistema de ritual escolar (Pintassilgo; Pedro, 2013) que, além de apresentar símbolos e cerimônias próprias, induzia os

estudantes para um possível controle da moral dentro do colégio, inculcando “comportamentos e de habitus” (Julia, 2001, p. 22). A religião e a moral são relacionadas no enredo, ao passo que o diretor Aristarco a utilizava como uma forma de moralizar os estudantes e combater a imoralidade.

Ao estudar a literatura sobre o Colégio Abílio em Valdez (2006a) vimos que essas instituições eram laicas, portanto, a religião não era obrigatória. Assim, ao pensar no Colégio Abílio do Rio de Janeiro, proposto para a reflexão nesta pesquisa, ele também era uma instituição laica. Entretanto, a mesma autora (2006a) discute que as práticas religiosas católicas eram comuns e estavam presentes dentro das instituições. Valdez (2006a) reflete que o catolicismo pôde ser visto nos currículos, nos livros de leitura e nos rituais que haviam como missas, primeira comunhão entre outros; além disso, em cada colégio havia uma capela.

No decorrer do enredo, Pompeia também representa elementos da arquitetura escolar, como cômodos da instituição, os pátios internos e externos e a presença da própria capela. Para pensar nessa questão, Baltar (2001) analisa a arquitetura das escolas brasileiras do século XIX, em especial do Rio de Janeiro. A autora destaca a influência de programas franceses para a construção dos projetos arquitetônicos das escolas da cidade do Rio de Janeiro. Os projetos arquitetônicos, baseados nos programas franceses, foram adaptados às necessidades da realidade local (Baltar, 2001).

Como reflete Baltar (2001):

Aqui no Brasil, nós quase não tivemos programas documentados no século XIX, principalmente programas de escolas, mas é claro que nossos arquitetos, além de se inspirarem nesses modelos e regras importados, que foram divulgados aqui, devem tê-los adaptado às características do país: econômicas, culturais, climáticas e educacionais, o que poderemos comprovar observando as disposições das escolas. A troca de ideias e experiências entre si, como na Europa, fica óbvia nas várias características comuns às escolas construídas entre 1870 e 1889. (Baltar, 2001, p. 67).

Pensando na arquitetura e na questão religiosa, Pompeia, n’*O Ateneu* representou os aspectos do catolicismo ao destacar a presença da capela dentro do colégio, além de pontuar os rituais religiosos que aconteciam na instituição como as missas, as orações, os momentos de cântico ao anjo da guarda entre outros. Os projetos arquitetônicos foram adaptados à realidade brasileira, dessa forma, é compreensível perceber a presença de elementos católicos dentro da instituição, como a presença da própria capela, já que o catolicismo era a religião oficial do país. Baltar (2001) também ressalta sobre a questão da salubridade, em que as instituições educacionais foram projetadas para contar com circulação do ar e iluminação natural entre outras coisas.

A respeito dos elementos católicos evidentes no enredo da obra, Pompeia representou-os de uma maneira impositiva quase obrigatória aos estudantes. O autor utilizou de elementos ficcionais para representar esses aspectos de forma negativa e dominadora. No decorrer do enredo, ao utilizar o próprio protagonista Sérgio ou outras personagens e situações, fica evidente a forma negativa a qual ele trata a religiosidade na instituição.

Como aponta Capaz (2001, p. 15) questões como o "clima opressivo" e a "visão da instituição escolar como uma prisão" apresentadas pelo protagonista Sérgio são referências de caráter biográfico de Pompeia. Assim, é possível compreender que o autor, a partir dessa perspectiva, representou aspectos do colégio de maneira desfavorável.

Ao comentar sobre *O Ateneu* (1888), Iannone e Décio (1973, p. 15-16) refletem que:

[...] é um romance de raízes autobiográficas em que Pompeia narra a história do menino Sérgio que entra para o internato e lá vai sofrer as influências mais corruptoras nos planos social, moral e psicológico. [...] *O Ateneu* participa de romance, de memórias e de crônicas de saudades. O drama da solidão e a crítica aos internatos retrógrados, o primeiro como consequência da segunda, parecem ser as tônicas mais importantes do livro em questão, que ainda assinala como pode ser destrutiva e corruptora uma sistematização educacional fora da verdadeira moral e da correta pedagogia.

Os autores apontam para a experiência escolar traumática de Pompeia que o inspirou a escrever o enredo. No enredo, Sérgio em um momento aponta a experiência desagradável entrada dentro do colégio “máquina dos meus ideais naquele mundo de brutalidade, que me intimidava com os obscuros detalhes e as perspectivas informes, escapando à investigação da minha inexperiência?” (Pompeia, 1973, p. 55).

O protagonista cita o colégio como um “mundo de brutalidade” em que ele havia sido exposto, transparecendo possivelmente a experiência do próprio Pompeia na instituição escolar.

Iannone e Décio (1973) ainda refletem que “Até que ponto as experiências do menino Sérgio, no romance, refletem os lances do pequeno Raul, no Colégio Abílio? É difícil discernir, mas o caráter sofrido da personagem assinala que em muitos pontos a vida real foi transferida para a ficção.” (Iannone; Décio, 1973, p. 16).

Ainda que, como destacam os autores supracitados, a obra seja uma ficção, o desenvolvimento do enredo aponta que muitos aspectos da vida de Pompeia foram transferidos para a obra literária. Ao pensar nos aspectos do catolicismo representados no colégio, possivelmente também foram inspirados em sua experiência traumática no colégio.

Ainda que Pompeia tenha lançado mão de uma “dose de ficção na criação” (Iannone; Décio, 1973), ele se inspirou em suas experiências resgatadas da memória para a escrita do

romance. Ao representar os aspectos do catolicismo na instituição escolar, os aspectos traumático, obrigatório e opressivo são percebidos na leitura e análise.

Ao final do enredo, após o colégio Ateneu sofrer um incêndio, o protagonista termina em sua última fala a considerar: “Aqui suspendo a crônica de saudades. Saudades verdadeira? Puras recordações, saudades talvez se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo – o funeral para sempre das horas.” (Pompeia, 1973, p. 234). Nesta fala é possível observar que o protagonista não escreve de uma maneira saudosista, apaixonada ou sentimental, ele fala de uma maneira crítica e parcial ao apontar suas memórias como “puras recordações”. Neste fechamento da obra, Pompeia possivelmente quis apontar para a sua experiência traumática na instituição escolar e no Colégio Abílio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, essa dissertação buscou investigar as representações do catolicismo no *O Ateneu* para compreender a presença do catolicismo no Colégio Abílio, instituição a qual Pompeia estudou durante partes de sua infância e adolescência.

Para ser possível analisar a obra de Pompeia, na seção dois do texto buscou-se investigar a importância da Literatura como fonte histórica para o campo da História, em especial, da História da Educação utilizando autores como Bloch (2002), Barros (2020), Rocha (2011), Chartier (2000), Chartier (2002b), Muricy (1988) entre outros. Além disso, nesta mesma seção, foi apresentado e discutido a questão da memória para a análise de *O Ateneu* como uma obra autobiográfica. Partindo de autores como Nora (1993), Meneses (1992), Foucault (2001) foi possível compreender como a memória pode ser manuseada para a escrita de uma obra como também pode ser analisada historicamente.

Na seção três do texto foi apresentado historicamente o Colégio Abílio, seus aspectos sociais, políticos e culturais. Com a intuito de conhecer de forma mais aprofundada sobre a instituição foram utilizados os autores Zilberman (2012a), Zilberman (2012b), Valdez (2006a), Valdez (2006b), Saviani (2011), Gondra e Sampaio (2010), Gondra (1998), Souza (2018) entre outros, que trabalham a historiografia sobre esta instituição. Esta seção foi fundamental para compreender o local que Pompeia estudou e criou as suas memórias escolares.

Na quarta seção do texto foi o momento que, de fato, foram apresentados os aspectos do catolicismo na obra *O Ateneu*. Foram divididas por temas em comum as passagens que são identificadas no texto em relação com o catolicismo. As passagens foram divididas pelos temas: A capela; Práticas religiosas na rotina escolar; Religião católica como conteúdo curricular e Outras experiências e vivências religiosas dentro do colégio. Mediante esses temas, posteriormente foi discutido os aspectos do catolicismo a partir de autores como Chartier (2022), Chartier (2003), Bosi (2008), Benito (2017), Capaz (2001), Iannone e Décio (1973), Nora (1993), Pintassilgo (2013), Baltar (2001), Julia (2001) entre outros. As passagens apresentaram que o catolicismo estava presente nas cotidianidades do colégio, no currículo, no calendário escolar entre outros.

Por meio das análises e discussões realizadas, foi possível constatar que os aspectos do catolicismo no enredo de Pompeia, foram apresentados com tons negativos e impositivos. As passagens selecionadas analisadas a partir do enredo demonstraram que a experiência traumática de Pompeia (Iannone; Décio, 1973) possivelmente teve relação com as práticas religiosas dentro da instituição. Assim, é possível refletir que o catolicismo fez parte da cultura

escolar do Colégio Abílio, sendo representado por meio d'*O Ateneu* mediante a inspiração das memórias de Pompeia.

Dessa forma, a presente dissertação oferece uma contribuição original para o campo de estudo da História da Educação promovendo discussões a respeito História e Literatura, História e Memória, Educação no século XIX, Colégio Abílio, a Educação e o Catolicismo. Espera-se que os resultados aqui apresentados possam servir de base para futuras pesquisas relacionadas à obra *O Ateneu*, de Raul Pompeia.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Francisco Ari de; SILVA, Fernanda Maria Diniz da. A obra literária como fonte na pesquisa educacional: Um estudo sobre a educação brasileira na segunda metade do século XIX. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. 1-13, 2021.
- AZEVEDO, Laís Paula de Medeiros Campos; NETA, Olívia Morais Medeiros; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Abílio Cézar Borges e a educação brasileira no Congresso Pedagógico Internacional de Buenos Aires (1882). **Revista Tópicos Educacionais**, vol. 27, n. 2, p. 1-24, 2021.
- BALTAR, Francisca Maria Teresa dos Reis. Arquitetura de escolas no século XIX. Primeiras escolas construídas no Brasil. **História da Educação**, Asphe, v. 5, n. 10, p. 53-84, set. 2001.
- BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão-SE, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020|. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/15006>. Acesso em: 15 out. 2024.
- BENITO, Agustín Escolano. **A escola como cultura: experiência, memórias e arqueologia**. Campinas: Editora Alínea, 2017.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- CARVALHO, Carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. O Ateneu na perspectiva histórico-educacional brasileira do século XIX. **Linguagens, Educação e Sociedade**, ano 13, n. 18, p. 54-67, 2008.
- CAPAZ, Camil. **Raul Pompeia biografia**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- CHARTIER, Roger. Debate: literatura e história. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, 2000.
_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Tradução Maria Manuela Galhardo. Portugal: Difel, 2002a.
- _____. **À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramno: Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002b.
- _____. Estratégias editoriais e leituras populares (1530-1660). In: CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2003.
- _____. Buscando os in:quarto: materialidade do livro e significado do texto. **Art Cultural**, Uberlândia, v. 24, n. 44, p. 9-22, jan.-jun, 2022.

CORRÊA, Giseli Rodrigues. **A ficção e o real: a importância da educação no século XIX**. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

DIAS, Júlio César Tavares. O ambiente do realismo literário no Brasil. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 3, n. 1/2, p. 91-99, dez. 2010.

FISCHER, L. A. **Literatura Brasileira** – modos de usar. Porto Alegre: L&PM, 2007.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos: estética, literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GONDRA, José Gonçalves; SAMPAIO, Thiago. Ciência pela Força? Dr. Abílio Cesar Borges e a propaganda contra o emprego da palmatória e outros meios aviltantes no ensino da mocidade (1856-1876). **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 32, n. 1, p. 75-82, 2010.

GONDRA, José Gonçalves. O rei, o delegado e a Lei: uma leitura da Lei Nova do Ensino Infantil. **Educação em Revista**, Belo Horizont, n. 27, p. 47-56, jul. 1998. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46981998000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 nov. 2024.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

IANNONE, Carlos Alberto; DÉCIO, João. A obra de Raul Pompéia. In: POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Rio de Janeiro: Três, 1973.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas S/A, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MAZZARI, Marcus Vinicius. Representação Literárias da Escola. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 11, n.31, p. 223-247, 1997.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. Relações entre ginástica e saúde no Rio de Janeiro do século XIX: reflexões a partir do caso do Colégio Abílio, 1872-1888. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, out.-dez. 2016.

MENESES, Ulpiano T.Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.34, p. 9-24, 1992.

Muricy, Katia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo** Katia Muricy. - São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NEVES, Flávia Cristina Capello; CORREA, Alamir Aquino. O Ateneu, de Raul Pompeia: uma análise sob a ótica literária e suas diversas manifestações artísticas. In: SILVA, Jacicarla S.; BRANDINI, Laura T. (Orgs.). **Anais eletrônicos do IX Colóquio de Estudos Literários**. Londrina (PR), 15 e 16 de setembro de 2015. p. 186-196. Disponível em:

https://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Flavia%20Cristina%20Capello%20Neves_texto%20completo.pdf Acesso em: 25 mai. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo**: postura e método. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 137-155, dez.

PINHO, Adeitalo Manoel. Ficção e Memória Educacional Brasileira em “O Ateneu”. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 83-105, 2013.

PINTASSILGO, Joaquim; PEDRO, Lênia. Rituais escolares e construção da cultura escolar em Portugal na transição do século XIX para o século XX. In: MORRAGO, Maria João. **Educação e patrimônio cultural**: escolas, objetos e práticas. Lisboa: Colibri/IUEL, 2013.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Editora Três, 1973.

ROCHA, Elaine Pereira. Textos e Contextos: O longo e complexo relacionamento entre História e Literatura. **Revista Outros Tempos**, Maranhão, v. 8, n. 11, p. 39-58, 2011.

SANDANELLO, Franco Baptista. **O escorpião e o jaguar**: o memorialismo prospectivo d'O Ateneu, de Raul Pompeia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SANTOS, Luzinete Rosa dos. **Escravidão e direito civil no romance "Rosaura, a enjeitada" de Bernardo Guimarães**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Tiradentes, Aracaju, 2018.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Mariane Angelica da. **Um momento da história da educação brasileira cravado na literatura: as marcas dos mecanismos disciplinares na escola do final do século XIX, inscritas em O Ateneu, de Raul Pompéia**. 2015. 53 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

SOUSA, Cynthia Pereira de Sousa. História, Literatura e Memórias de Formação Escolar. **História da Educação**, Pelotas, v. 9, n. 17, p. 160-161, abr. 2005.

SOUZA, Carlos Eduardo Dias. Contextos, práticas e instituições: O ensino secundário e a organização de repertórios pedagógicos no segundo reinado. **Revista História da Educação (online)**, v. 22, n. 54, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/gCK8zPZbSvQfHXHZLm6KGdr/?lang=pt#>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SOUZA, Carlos Eduardo Dias. **A educação como prática política: formação e renovação de repertórios pedagógicos no segundo Reinado (o Colégio Pedro II, o Ginásio Baiano e o Culto à Ciência)**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2015.tde-03122015-161059. Acesso em: 23 out. 2024.

SOUZA, Vinícius Santos de. **O Ateneu e o naturalismo: convergências e rupturas**. 2016. 1 recurso online (102 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

SOUZA, Carlos Eduardo Dias. Contextos, práticas e instituições: O ensino secundário e a organização de repertórios pedagógicos no segundo reinado. **Revista História da Educação (online)**, v. 22, n. 54, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/gCK8zPZbSvQfHXHZLm6KGdr/?lang=pt#>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de notícias e a defesa da crônica. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 7, 2006.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **A sociedade do anel: Primeira parte de O Senhor dos Anéis**. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019.

TUNDISI, Alexandre. **Sérgios e Aristarcos: apropriações de "O Ateneu" no campo educacional brasileiro**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

VALDEZ, Diane. **A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges: o barão de Macahubas (1856-1892)**. 2006a. 306p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602734> . Acesso em: 23 out. 2024.

VALDEZ, Diane. Mens sana in corpore sano: os colégios do Dr. Abilio Cesar Borges, o barão de Macaúbas, 1858-1891. **Revista HISTEDBR**, 2006b. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/periodo_imperial.html. Acesso em: 24 out. 2024.

VASCONCELOS JÚNIOS, Gilberto araujo. A produção verbovisual de Raul Pompeia no acervo da Biblioteca Nacional. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro (RJ), 2022. Disponível em: https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/producao/publicacoes/colecoes/anais-biblioteca-nacional/copy_of_anais-da-biblioteca-nacional-vol-140/anais-da-biblioteca-nacional-vol-140/an140_digital-9094.pdf

. Acesso em: 24 mar. 2025.

ZICA, Matheus da Cruz e. **Educação e masculinidade na produção jornalística e literária de Bernardo Guimarães (1852-1883)**, 106 f. Dissertação (Mestrado de Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais FAE – UFMG, 2008.

ZILBERMAN, Regina. Um assunto entre Pompéia e Abílio. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 15, n. 1, p. 73–87, 2012a. DOI: 10.20396/remate.v15i1.8635928. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635928>. Acesso em: 21 out. 2024.

ZILBERMAN, Regina. Raul Pompéia, Abílio César Borges e a escola brasileira no século XIX. **Revista Criação & Crítica**, n. 9, 38-51, 2012b. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46860>. Acesso em: 23 out. 2024.